CALÍGULA

ALBERT CAMUS

A PEÇA

Escrita em 1938, **CALÍGULA** é, nitidamente, uma criação de antes da guerra e, embora fosse escrita na Algéria, para uma representação local, é difícil não reconhecer uma certa condição espiritual da França dos últimos anos que precederam a segunda guerra mundial, nessa moral frouxa e esse oportunismo sobressaltado dos patrícios romanos, que clamam e se acovardam diante da zombaria letal de Calígula. Mas, a data em que a peça foi escrita é mais importante como ajuda a uma identificação. Albert Camus, em 1938, era exatamente tão jovem quanto o romano de vinte e quatro anos, que inicia sua carreira, seu governo sangrento de quatro anos, como Imperador de Roma e sucessor de Tibério. **CALÍGULA** é, antes de tudo, uma peça escrita, com a exuberância de um jovem, sobre um herói que traduz toda a negra e desesperada violência que marca o nosso tempo. Entre os elementos desta exuberância comunicativa, sobressai a pura alegria, o entusiasmo da criação artística. Anos depois, Camus diria: "Calígula é a história do suicida superior", que "faz o necessário para armar contra ele aqueles que afinal o matarão". É ainda Camus que, no prefácio da edição norte-americana de 1958, resume sucintamente a peça e o seu sentido: "Calígula, até então um príncipe assas amável, ao perder sua irmã e amante, Drusila, apercebe-se de que o mundo não é satisfatório. Desde então, obcecado com o impossível, envenenado pelo desprezo e pelo horror, tenta - através do crime e da perversão sistemática de todos os valores - praticar uma liberdade que, eventualmente, ele descobrirá ter sido a liberdade errada". **CALÍGULA** é uma obra complexa e extravagante; nihilística e vitalizadora, perversa e blasfema e profundamente moral.

O AUTOR

Albert Camus nasceu a 7 de novembro de 1913, na Algéria, de uma família de camponeses, pai francês e mãe de descendência espanhola Fez os seus primeiros estudos na Algéria, enquanto trabalhava como vendedor de acessórios de automóveis, metereologista, empregado num escritório de corretagem marítima e na Prefeitura. Praticava esportes. Formado em filosofia, uma enfermidade impediu-o de prestar concurso para o doutorado. Já a sua paixão pelo teatro se fazia sentir: fundou uma companhia, L'EQUIPE, onde trabalhou como diretor e ator. Montou peças, que foram logo proibidas, tais como a REVOLTA DAS ASTÜRIAS, escrita em parceria com seus camaradas e que contava a revolta dos mineiros de Oviedo em 1934. Adaptou LE TEMPS DU MÊPRIS, de André Malraux, LE RETOUR DE L'ENFANT PRODIGUE, de André Gide, e o PROMETEU de Ésquilo. Representou no PAGUEBOT TENACITY, de Vildrac, na MULHER SILENCIOSA, de Ben Johnson e em os IRMÃOS KARAMAZOV, de Dostoievski, no papel de Ivan. Numa viagem de aventura, percorre a Espanha, a Itália, a Tchecoslováquia - países que encontramos nos seus primeiros trabalhos: L'ENVERS ET L'ENDROIT **(**1937**)** e NOCES **(**1938**)**. Jornalista em Algers e depois em Paris, ingressa na resistência. Por ocasião da Libertação, ocupava o posto de redator chefe de COMBAT , que abandona em 1945. Seus editoriais são publicados em 1950, sob o título de ACUTUELLES. Já fizera nome na literatura. A conselho de Malraux, Gallimard tinha publicado L'ETRANGER **(**1942**)** e LE MYTHE DE SISYPHE **(**1943**)**. Duas peças suas fizeram sucesso logo após a Libertação: LE MALENTENDU, representada em 1944, e **CALÍGULA**, em 1945. Seguem-se duas outras peças: L'ÉTAT DE SIÉGE, montada por Jean Louis Barrault, em

1948, e LES JUSTES, em 1950. Foi aos Estados Unidos, em 1946. No ano seguinte, publica LA PESTE. Como historiador e filósofo, escreveu, em 1951, L'HQMME REVOLTÉ e em 1956 LA CHUTE. Albert Camus recebeu o Prêmio Nobel, em 1957. Seu discurso no banquete oficial e sua conferência aos estudantes da Universidade de Upsala foram publicados sob o titulo: DISCOURS DE SUÈDE. Homem de opinião e de ação, Camus sempre se manifestou sobre os acontecimentos mundiais, fosse defendendo os rebeldes de Berlim Oriental e de Budapeste, ou para pedir a reconciliação na Algéria. Camus adaptou e montou várias peças de Calderón de la Barca e romances de Dostoievski. Seu último trabalho no Teatro foi a adaptação e montagem de OS POSSESSOS, de Dostoievski. Morreu a 4 de janeiro de 1960, num acidente de automóvel, aos 46 anos de idade, na França.

CALÍGULA

Caio César Augusto Germânico, nasceu a 31 de agosto do ano 12 da era cristã, em Âncio, filho de Germânico e de Agripina. Sucedeu a Tibério, que o adotara como neto, e foi sucedido por Cláudio à frente do Império Romano.

Infância e mocidade passou-as em acampamentos militares e na corte de Tibério, em Capri. Nos acampamentos ganhou o cognome de "Calígula", com que passaria à História; "caligae" era uma espécie de botas que sua mãe obrigava-o a usar, menino ainda. Em Capri, exercitou-se na arte da dissimulação e do servilhismo, de tal modo que mais tarde dele se diria que foi "o melhor dos escravos e o pior dos senhores.

É acusado de haver apressado a morte de Tibério, quando o velho Imperador se recuperou de uma indisposição. De qualquer forma, subiu ao trono com a idade de 24 anos.

O início de seu reinado, foi dos mais auspiciosos. Tomou diversas providências do mais largo alcance público, no intuito, conforme afirmava de fazer reviver "os tempos dos esplendores."

Suetônio o mais acatado biógrafo dos Césares Romanos, ao concluir a exaltação dessas medidas, escreve: "Até aqui falei dum príncipe. Quero falar agora dum monstro."

Calígula deixou-se de fato, dominar progressivamente por um furor homicida que em breve o arrastaria a completa loucura. "Oderint dum metuant" - Que me odeiem, contanto que me temam - passou a ser o seu lema.

Certa vez no hipódromo, não tendo a assistência apoiado seu favorito, lamentou que o povo romano não tivesse apenas um único pescoço.

Em um ano delapidou o tesouro legado por Tibério: cerca de dois bilhões e setecentos milhões de sestércios.

Entre suas atrocidades conta-se o incesto cometido com sua irmã Drusila, a quem parece ter amado apaixonadamente. Adoecendo, nomeou-a herdeira de todos os seus bens e do Império. Sua morte deixou-o inconsolável. No futuro acrescentaria sempre "pela divindade de Drusila" em seus juramentos.

Amou também Cesônia, com quem teve uma filha.

Calígula sofria crises de epilepsia. Atacado pela insônia, não dormia mais de três horas por noite. Seus trajes "nada tinham de humano". As extravagâncias que cometeu nesse terreno levavam-no a vestir- se de Vênus e a usar a couraça de Alexandre, o Grande, que mandara retirar de seu próprio sepulcro.

A 24 de janeiro do ano 40, uma conspiração comandada por Cássio Kerêa fez Calígula perecer sob os punhais dos patrícios romanos.

"Ainda estou vivo" foram suas últimas palavras.

OS PERSONAGENS

CALÍGULA

CESÔNIA

HÉLICON

SCIPIÃO

KERÊA

SENECTO - o velho patrício

METELO – 1º Patrício

OCTÁVIO – 2º Patrício

CÁSSIO – 3º Patrício

MERÊA

MÚCIO

O INTENDENTE

A MULHER DE MÚCIO

PRIMEIRO GUARDA

SEGUNDO GUARDA

PRIMEIRO POETA

SEGUNDO POETA

TERCEIRO POETA

QUARTO POETA

QUINTO POETA

SEXTO POETA

SÉTIMO POETA

PRIMEIRO SERVO

SEGUNDO SERVO

TERCEIRO SERVO

PRIMEIRO ATO

CENA I

(OS PATRÍCIOS, UM DOS QUAIS MUITO IDOSO, ESTÃO REUNIDOS NUMA SALA DO PALÁCIO.)

METELO

- Nada, sempre nada.

SENECTO

- Nada de manhã e nada de tarde.

OCTÁVIO

- Nada há três dias.

SENECTO

- Os correios partem, os correios voltam. Abanam a cabeça e dizem: "Nada".

OCTÁVIO

- Bateram-se os arredores de ponta a ponta, não há mais nada a fazer.

METELO

- Não vale a pena preocupar-se antes do tempo: Esperemos: Assim como foi, pode voltar.

SENECTO

- Eu o vi sair do palácio. Tinha um olhar estranho.

METELO

- Também o vi, e até lhe perguntei o que tinha.

OCTÁVIO

- E ele respondeu?

METELO

- Uma palavra apenas: “Nada”. Pausa. Entra Hélicon, comendo cebolas.

OCTÁVIO

- É para inquietar.

METELO

- Ora, os moços são todos assim.

SENECTO

- Naturalmente, a idade tudo apaga.

OCTÁVIO

- Pensa que sim?

METELO

- Esperemos que esqueça.

SENECTO

- É claro: mulheres não faltam.

HÉLICON

- E por que há de ser amor?

METELO

- Que há de ser, então?

HÉLICON

- O fígado, talvez. Ou apenas o enjôo da vossa presença diária. Seriam tão mais fáceis de suportar, os nossos contemporâneos, se pudessem mudar de focinho de vez em quando. Mas qual: O menu nunca varia. É sempre a mesma mixórdia.

SENECTO

- Prefiro pensar que se trata de amor. É mais comovente.

HÉLICON

- E mais tranqüilizante, sobretudo, muito mais tranqüilizante. É o gênero de doença que não poupa ninguém: nem os inteligentes nem os imbecis.

METELO

- De qualquer forma, os desgostos não são eternos. Felizmente Quem é capaz de sofrer mais de um ano?

OCTÁVIO

- Eu não.

METELO

- Ninguém tem esse poder.

SENECTO

- A vida seria impossível.

METELO

- Já vêem. Eu, por exemplo. Perdi a minha mulher o ano passado. Chorei muito e depois esqueci. De vez em quando sofro. Mas afinal, não e nada demais.

SENECTO

- A natureza é sábia.

HÉLICON

- Ainda assim, quando olho para vocês, tenho a impressão que ela às vezes também erra.

(ENTRA KERÊA)

METELO

- Então?

KERÊA

- Nada, sempre nada.

HÉLICON

- Calma, senhores, muita calma. É preciso salvar as aparências. O império romano somos nós. Se perdermos a fachada, o império perde a cabeça. E não é agora o momento, ah, não! E antes de mais nada, vamos almoçar. Fará bem até ao Império.

SENECTO

- Tem razão. Não se deve deixar o certo pelo duvidoso.

KERÊA

- Não gosto nada disso. Mas tudo ia bem demais. Era um modelo de imperador.

OCTÁVIO

- Tal qual o necessário: criterioso e sem experiência.

METELO

- Mas afinal, que aconteceu? E por que tantos lamentos? Nada lhe impede continuar. Ele amava Drusila, está certo. Mas, no fim de contas, era sua irmã. Dormir com ela, já era muito. Mas revolucionar Roma só porque ela morreu, ultrapassa os limites.

KERÊA

- Deixá-lo. Não gosto disto, e a sua fuga não me agrada nada.

SENECTO

- É, não há fumaça sem fogo.

METELO

- Em todo caso, a razão de Estado não pode admitir um incesto que toma proporções de tragédia. O incesto, vá, mas discreto.

HÉLICON

- É que o incesto, forçosamente, sempre causa um certo rumor. O leito range, se ouso dizer. Mas afinal, quem nos diz que se trata de Drusila?

OCTÁVIO

- E de quem há de ser?

HÉLICON

- Adivinhem. Aliás, notem bem, a desgraça é como o casamento julga-se escolher e é-se escolhido. É assim; não há nada a fazer O nosso Calígula acha-se infeliz, talvez nem saiba porque Deve—se ter sentido acurralado, e então fugiu. Todos teríamos feito o mesmo. Eu, aqui onde me vêem, se tivesse podido escolher o meu pai, nunca teria nascido.

(ENTRA SCIPIÃO.)

CENA II

KERÊA

- Então?

SCIPIÃO

- Nada, ainda. Uns camponeses julgaram vê-lo ontem a noite, per to daqui, correndo na tempestade. **(**Kerêa junta-se aos senadores, seguido por Scipião.**)**

KERÊA

- Passaram já uns três dias, não é Scipião?

SCIPIÃO

- Sim. Eu estava presente, seguindo-o como de costume. Aproximou-se do cadáver de Drusila; tocou-o com a ponta dos dedos. Pareceu meditar, depois girou nos calcanhares e saiu calmamente. Estamos atrás dele desde então.

KERÊA

- Era demasiado literato, o rapaz.

OCTÁVIO

- É próprio da sua idade.

KERÊA

- Mas não é próprio da sua condição. Um imperador artista, não é

admissível. Tivemos um ou dois, é claro; há ovelhas tinhosas em to dos os rebanhos. Mas os outros tiveram o bom gosto de permanecer funcionários.

METELO

- Era mais repousante.

SENECTO

- A cada um seu oficio.

SCIPIÃO

- Que devemos fazer Kerêa?

KERÊA

- Nada.

OCTÁVIO

- É esperar. Se não volta, teremos que o substituir. Aqui entre nós, imperadores não faltam.

METELO

- Não. Faltam apenas caracteres.

KERÊA

- E se ele voltar com más disposições?

METELO

- Ora, é ainda uma criança, havemos de o convencer a ter juízo.

KERÊA

- E se ele faz ouvidos moucos?

METELO

- Então: não escrevi, em tempos, um tratado do Golpe de Estado?

KERÊA

- É claro, se fosse necessário... Mas preferia que me deixassem em paz com os meus livros.

SCIPIÃO

- Queiram desculpar. **(**Sai.**)**

KERÊA

- Ofendeu-se.

SENECTO

- É um meninote. Os jovens são solidários.

HÉLICON

- Solidários ou não, sempre acabam envelhecendo... **(**Aparece um guarda.**)**

PRIMEIRO GUARDA

- Calígula foi visto nos jardins do palácio. **(**Saem todos.**)**

CENA III

(A CENA FICA DESERTA UM INSTANTE. CALÍGULA ENTRA FURTIVAMENTE PELA ESQUERDA. TEM O AR DESVAIRADO, OS CABELOS MOLHADOS, AS PERNAS ENLAMEADAS; ESTÁ SUJO. LEVA A MÃO À BOCA REPETIDAMENTE. DIRIGE-SE PARA O ESPELHO MAS DETÉM-SE MAL VÊ A PRÓPRIA IMAGEM. RESMUNGA PALAVRAS INDISTINTAS, DEPOIS VAI SENTAR-SE, À DIREITA, COM OS BRAÇOS CAÍDOS ENTRE OS JOELHOS AFASTADOS. HÉLICON ENTRA À ESQUERDA. AO AVISTAR CALÍGULA PARA NA EXTREMIDADE DO PALCO E OBSERVA-O EM SILÊNCIO. CALÍGULA VOLTA-SE E O VÊ. PAUSA.)

CENA IV

HÉLICON

- Bom dia, Caio.

CALÍGULA

- Bom dia, Hélicon.

(SILÊNCIO)

HÉLICON

- Pareces fatigado?

CALÍGULA

- Andei muito.

HÉLICON

- É, a tua ausência foi longa.

(SILÊNCIO)

CALÍGULA

- Era difícil de encontrar.

HÉLICON

- O que?

CALÍGULA

- O que eu queria.

HÉLICON

- E o que querias tu?

CALÍGULA

- A lua.

HÉLICON

- Como?

CALÍGULA

- Sim, queria a lua.

HÉLICON

- Ah:...

(SILÊNCIO. HÉLICON APROXIMA-SE.)

- E para que?

CALÍGULA

- Oh... É uma das coisas que me faltam.

HÉLICON

- Ah, sim. E afinal, conseguiste?

CALÍGULA

- Não, não me foi possível.

HÉLICON

- Que contrariedade!

CALÍGULA

- Sim, é por isso que estou cansado. **(**Pausa**)** Hélicon?

HÉLICON

- Sim, Caio?

CALÍGULA

- Pensas que estou louco.

HÉLICON

- Bem sabes que nunca penso. Sou demasiado inteligente para tal.

CALÍGULA

- Bom. Enfim: Mas não estou louco e até nunca fui tão razoável. Simplesmente, senti em mim um súbito desejo de impossível. **(**Pausa**)** As coisas, tal como estão, não me parecem satisfatórias.

HÉLICON

- É uma opinião bastante difundida.

CALÍGULA

- É verdade, mas antes não sabia. E agora sei. O mundo assim como está, não é suportável. Por conseguinte, preciso da lua ou da felicidade, ou da imortalidade, de qualquer coisa que seja loucura, talvez, mas que não pertença a este mundo.

HÉLICON

- É um raciocínio lógico, mas geralmente não se pode levar até ao fim.

CALÍGULA (erguendo-se**)**

- Isso ó que tu não sabes. Não se consegue nada, precisamente porque nada se leva até o fim. Mas talvez baste levar a lógica ao extremo limite. **(**Encarando Hélicon**)** Bem sei o que estás pensando. Tanta história pela morte duma mulher: Não, não se trata disso. Parece-me recordar, é certo, que há dias morreu uma mulher que eu amava. Mas que é o amor? Pouca coisa. Essa morte não é nada, juro; é apenas o indício duma verdade que torna a lua necessária. É uma verdade claríssima, até simplória, mas difícil de descobrir e dura de suportar.

HÉLICON

- E que verdade é essa Caio?

CALÍGULA (voltando para o lado**)**

- Os homens morrem e não são felizes.

HÉLICON (depois duma pausa**)**

- Ora, Caio, e uma verdade a que a gente se habitua muito bem. Olha só em torno de ti. Não é isso que os impede de almoçar.

CALÍGULA

- Então é porque em torno de mim tudo é mentira, e eu, eu exijo que se viva segundo a verdade: E justamente, tenho meio de os obrigar a isso. Bem sei o que lhes falta, Hélicon. São ignaros, e falta-lhes um professor consciente.

HÉLICON

- Não te ofendas, Caio, do que te vou dizer. Mas, antes de mais nada, devias repousar-te.

CALÍGULA (sentando-se**)**

Não é possível, Hélicon. Nunca mais será possível.

HÉLICON

- E por que?

CALÍGULA

- Se durmo, quem me dará a lua?

HÉLICON (depois dum silêncio**)**

- É verdade.

(CALÍGULA LEVANTA-SE COM ESFORÇO VISÍVEL)

CALÍGULA

- Escuta, Hélicon. Sinto passos e barulho de vozes. Guarda silêncio e esquece que acabas de me ver.

HÉLICON

- Compreendo.

(CALÍGULA DIRIGE-SE PARA A SAÍDA. VOLTANDO-SE)

CALÍGULA

- E por favor, ajuda-me, de agora em diante.

HÉLICON

- E por que não, Caio? Mas sei muitas coisas e poucas me interessam. Em que posso ajudar-te?

CALÍGULA

- No impossível.

HÉLICON

- Farei o que puder.

(CALÍGULA SAI. ENTRAM RAPIDAMENTE SCIPIÃO E CESÔNIA.)

CENA V

SCIPIÃO

- Ninguém. Não o viste, Hélicon?

HÉLICON

- Não.

CESÔNIA

- Hélicon, verdadeiramente, ele não te disse nada antes de fugir?

HÉLICON

- Não sou o seu confidente, sou o seu espectador. É mais prudente.

CESÔNIA

- Por favor...

HÉLICON

- Cara Cesônia, Caio é um idealista, todos o sabem. É o mesmo que dizer que ele ainda não compreendeu nada. É por isso que eu não me ocupo de coisa alguma. Mas se Caio se dispõe a compreender, é capaz pelo contrário, com o seu coraçãozinho de ouro, de se ocupar de tudo. E sabe Deus o que isso nos vai custar. Mas, se me permitir, o almoço **(**Sai**)**

CENA VI

CESÔNIA (senta-se**)**

- Um guarda diz que o viu passar. Mas Roma inteira vê Calígula por toda a parte. E Calígula, na verdade, vê apenas a sua idéia.

SCIPIÃO

- Que idéia?

CESÔNIA

- E como hei de saber, Scipião?

SCIPIÃO

- Drusila?

CESÔNIA

- Quem sabe lá? Mas é certo que a amava. Na verdade, é duro ver morrer o que ontem se apertava ao peito.

SCIPIÃO

- E tu?

CESÔNIA

- Eu? Sou apenas a velha amante.

SCIPIÃO

- Cesônia é preciso salvá-lo.

CESÔNIA

- Tens-lhe afeto, então?

SCIPIÃO

- Tenho. Era bom, comigo. Encorajava-me e sei de cor certas palavras dele. Dizia-me que a vida não é fácil, mas que há a religião, a arte, o amor que nos dedicam. Repetia freqüentemente que fazer sofrer era a única forma de errar. Queria ser um homem justo.

CESÔNIA (levantando-se**)**

- Era uma criança. **(**Dirige-se ao espelho e contempla-se**)** Nunca tive outro deus senão o meu corpo. E é a esse deus que eu queria hoje suplicar que Caio me seja devolvido.

(ENTRA CALÍGULA. AVISTANDO CESÔNIA E SCIPIÃO HESITA E RECUA. NO MESMO MOMENTO ENTRAM PELO LADO OPOSTO OS PATRÍCIOS E O INTENDENTE DO PALÁCIO. PARAM INTERDITOS. CESÔNIA VOLTA-SE. ELA E SCIPIÃO CORREM PARA CALÍGULA, QUE OS DETÊM COM UM GESTO.)

CENA VII

INTENDENTE

- Nós... andávamos à tua procura, César.

CALÍGULA

- Bem vejo.

INTENDENTE

- Nós... quer dizer...

CALÍGULA

- Que querem vocês?

INTENDENTE

- Estávamos inquietos, César.

CALÍGULA (avançando para ele**)**

- Com que direito?

INTENDENTE (com uma súbita inspiração e muito depressa**)**

- De qualquer forma, bem sabes que tens que regularizar certas questões referentes ao Tesouro Público.

CALÍGULA

- O Tesouro? É claro, o Tesouro! Mas é de importância capital!

INTENDENTE

- Certamente, César.

CALÍGULA (a Cesônia**)**

- Não é verdade, minha cara, que é muito importante, o Tesouro Público?

CESÔNIA

- Não Calígula, é uma questão secundária.

CALÍGULA

- É que não entendes nada disso. O Tesouro é do mais alto interesse. Tudo é importante: as finanças, a moral pública, a política exterior, o abastecimento do exército e as leis agrárias! Tudo e de importância capital, repito. Tudo está num mesmo nível: a grandeza de Roma e as tuas crises de artritismo. Ah! mas eu vou-me ocupar de tudo. Escuta um pouco, intendente.

INTENDENTE

- Estamos escutando.

(OS PATRÍCIOS ADIANTAM-SE)

CALÍGULA

- Eis-me dedicado, não és?

INTENDENTE

- Ora, César!

CALÍGULA

- Pois então tenho um plano a submeter—te. Vamos revolucionar a economia política em dois tempos. Eu te explico, intendente... quando os patrícios saírem.

(OS PATRÍCIOS SAEM)

CENA VIII

CALÍGULA (sentado junto a Cesônia**)**

- Escuta bem. Primeira etapa: todos os patrícios, todos os cidadãos do Império que disponham duma certa fortuna - pequena ou grande, tanto faz - devem obrigatoriamente deserdar os filhos e fazer testamento na mesma hora em favor do Estado.

INTENDENTE

- Mas, César...

CALÍGULA

- Ainda não te concedi a palavra. À medida das nossas necessidades, faremos morrer essas pessoas segundo ordem estabelecida arbitrariamente. Poderemos, alias, modificar essa ordem, sempre arbitrariamente. E herdamos.

CESÔNIA (desprendendo-se**)**

- Mas, que te aconteceu?

CALÍGULA

- A ordem das execuções não tem, com efeito, a mínima importância. Ou antes, todas as execuções tem uma importância igual, o que eqüivale a dizer que não tem nenhuma. Aliás, tão culpados são uns com os outros. Notem, que não é mais imoral roubar diretamente os cidadãos, do que aplicar furtivamente impostos indiretos no preço dos gêneros de primeira necessidade. Governar é roubar, todo mundo sabe. Mas há o jeito. Por mim, roubarei às claras. Vamos

deixar de misérias. **(**Ao intendente**)** Executa estas ordens, sem tardar. Hoje mesmo os testamentos devem ser assinados pelos habitantes de Roma, e daqui a um mês, no máximo, pelos provincianos. Manda emissários.

INTENDENTE

- César, não te dás conta...

CALÍGULA

- Escuta só, imbecil. Se o Tesouro é importante, a vida humana não o é. Os que pensam como tu devem admitir este raciocínio e não ter a vida em conta, visto acharem que o dinheiro é tudo. Em suma, decidi ser lógico e já que tenho o poder na mão, vão ver o que a lógica vos vai custar. Darei cabo das contradições e dos contraditores. Se for preciso, começarei por ti.

INTENDENTE

- César, juro, a minha boa vontade não está em causa.

CALÍGULA

- Nem a minha, podes crer. A prova é que consinto em adotar o teu ponto de vista e encarar o Tesouro Público como um assunto de meditações. Em suma, deves-me agradecer, visto que entro no teu jogo e utilizo as tuas cartas. **(**Depois de uma pausa**)** Aliás, o meu plano, na sua simplicidade é genial, o que encerra a discussão. Tens três segundos para desaparecer da minha vista. Vou contar: um dois... **(**O intendente desaparece**)**

CENA IX

CESÔNIA

- Não te reconheço, Caio. Trata-se duma brincadeira?

CALÍGULA

- Não é bem isso, Cesônia. Trata-se de pedagogia.

SCIPIÃO

- Mas não é possível, Caio.

CALÍGULA

- Justamente

SCIPIÃO

- Não te compreendo.

CALÍGULA

- Justamente Trata-se do impossível, ou antes, trata-se de tornar possível aquilo que o não é.

SCIPIÃO

- Mas é um jogo que não tem limite, é o divertimento dum louco.

CALÍGULA

- Nada disso, Scipião. É o apanágio de um imperador. **(**recostando-se**)**

Acabo de compreender finalmente a utilidade do poder. Dar oportunidade ao impossível. Agora e doravante a minha liberdade não vai ter fronteiras.

CESÔNIA

- Não sei se é motivo para alegria, Caio.

CALÍGULA

- Também não sei. Mas suponho que seja um motivo para viver. **(**Entra Kerêa**)**

CENA X

KERÊA

- Soube que tinhas regressado. Faço votos pela tua saúde.

CALÍGULA

- Minha saúde te agradece. **(**uma pausa**)** Vai-te embora, Kerêa , não te quero ver.

KERÊA

- Surpreendes-me, Caio.

CALÍGULA

- Não te surpreendas. Não gosto de literatos e não posso suportar-lhes as mentiras. Falam sem saber o que dizem. Se soubessem , veriam que não existem e não poderiam mais falar. Então, vai-te embora. Tenho horror dos hipócritas.

KERÊA

- Se mentimos, e muitas vezes sem saber. Não me julgo culpado.

CALÍGULA

- A mentira nunca é inocente. E a vossa dá importância aos homens e às coisas. É isso que não vos perdôo.

KERÊA

- No entanto temos que defender o mundo, se quisermos viver nele.

CALÍGULA

- Não defendas nada, a causa já foi ouvida e julgada. Este mundo não tem importância e quem tal reconhece conquista a liberdade. **(**levanta-se**)** E justamente, tenho ódio de vocês todos porque não são livres. Em todo o Império Romano, eu, só eu, sou livre. Alegrem-se Eis que chegou um imperador para lhes ensinar o que é liberdade. Sai daqui, Kerêa, e tu também, Scipião; a amizade faz-me rir. Vão anunciar a Roma que finalmente lhe foi devolvida a liberdade e que com ela uma grande provação começa. **(**Saem. Calígula afastou-se**)**.

CENA XI

CESÔNIA

- Estás chorando?

CALÍGULA

- Estou, Cesônia.

CESÔNIA

- Mas afinal, o que aconteceu? Se é certo que amavas Drusila amavas-me também a mim e a muitas outras. Não é o bastante para que a sua morte tenha te escorraçado três dias e três noites para os campos e te faça regressar com essa aparência hostil.

CALÍGULA (virando-se**)**

- Louca Quem te fala de Drusila? Não podes imaginar outra razão, além do amor, para as lágrimas dum homem?

CESÔNIA

- Desculpa, Caio. Procuro apenas compreender.

CALÍGULA

- Os homens choram porque as coisas não são como deviam ser. **(**Cesônia aproxima-se dele**)** Deixa, Cesônia. **(**ela recua**)**. Mas fica perto de mim.

CESÔNIA

- Farei o que quiseres. **(**senta-se**)** Na minha idade compreendeu-se já que a vida não é boa. Mas se o mal existe na terra, para que havemos ainda de aumentá-lo?

CALÍGULA

- Não podes compreender. Que importa? Talvez consiga libertar-me. Mas sinto surgir em mim seres inomináveis. Que fazer contra eles? **(**voltando-se para ela**)** Ah, Cesônia, eu tinha ouvido falar em desespero mais ignorava o significado dessa palavra. Julgava, como todos, que era uma doença da alma. Mas não, é o corpo que sofre Dói-me a pele, o peito, os membros. Tenho a cabeça vazia e sinto náuseas. E o mais horrível é este travo na boca. Não é sangue, não e morte, não é febre, mas tudo isso ao mesmo tempo. Basta mover a língua para que as trevas invadam tudo e os seres me repugnem. Como e duro, como é amargo tornar-se homem.

CESÔNIA

- O melhor é dormir, dormir muito: abandonar-se, não refletir. Velarei o teu sono. Quando acordares terás recuperado o gosto pela vida. Emprega então o teu poder a amar o que ainda pode ser amado. O possível merece também uma oportunidade.

CALÍGULA

- Mas seria preciso dormir, abandonar-se. E não posso.

CESÔNIA

- É o excesso de fadiga que te dá essa impressão. Mas passado algum

tempo retomam-se as rédeas na mão.

CALÍGULA

- Para ir onde? E de que me serve ter as rédeas na mão, de que me serve o meu espantoso poder, se não posso alterar a ordem das coisas, se não posso fazer com que o sol se ponha ao nascente, com que o sofrimento diminua e os homens não morram? Não, Cesônia. Dormir ou estar acordado, tanto faz, se não tenho poderes sobre a ordem do mundo.

CESÔNIA

- Mas seria pretender igualar-se aos deuses. Não há loucura maior.

CALÍGULA

- Também tu julgas que estou louco. E, no entanto, que é um deus, para que eu queira igualar-me a ele? O que eu desejo agora com toda a minha força, ultrapassa os deuses. Tomo conta dum império onde o impossível reina.

CESÔNIA

- Não poderás fazer com que o céu deixe de ser o céu, com que um rosto belo se transforme em feio e o coração do homem se torne insensível.

CALÍGULA

- Quero misturar céu e terra, confundir beleza e fealdade, fazer com que o riso nasça do sofrimento.

CESÔNIA (erguendo-se diante dele**)**

- O bem e o mal existem. Existe a grandeza e a abjeção, o justo e o injusto. São coisas que não mudam, podes ter a certeza.

CALÍGULA

- Decidi mudá-las. Farei ao meu século o dom da igualdade. E quando tudo estiver aplanado, o impossível reinar finalmente na terra e a lua repousar nas minha mãos, talvez então eu me tenha transformado e o mundo comigo; talvez finalmente os homens não morram e sejam felizes.

CESÔNIA

- Não poderás negar o amor.

CALÍGULA

- O amor, Cesônia **(**agarrando-a pelos ombros e sacudindo-a**)** Compreendi que nada vale: É o outro que tem razão: o Tesouro Público Não ouviste? É o começo de tudo. Ah, agora finalmente é que eu vou viver. Viver, Cesônia, viver é o contrário de amar. Sou eu quem o diz; sou eu quem te convida a um processo universal, uma festa sem par, o mais belo dos espetáculos. E preciso de gente , preciso de espectadores, preciso de vítimas e de réus. **(**atira-se ao gongo que começa a martelar, ininterruptamente**)** Façam entrar os réus, necessito de réus. Todos são culpados. **(**batendo sempre no gongo**)** Mandem vir os condenados à morte. Público Preciso do meu público Acusados, juizes, testemunhas, todos estão antecipadamente condenados: Ah, Cesônia, vou-lhes mostrar aquilo que nunca viram, o único homem livre deste império Ao som do gongo começam a sentir-se no palácio rumores que pouco a pouco se ampliam e aproximam. Vozes, ruído de armas, passos. Calígula ri e bate sempre no gongo. Alguns guardas entram e tornam a sair.

CALÍGULA (batendo no gongo**)**

- E tu Cesônia, vais-me obedecer. Vais-me sempre ajudar. Vai ser

maravilhoso! Jura que me ajudarás, Cesônia.

CESÔNIA (desnorteada, entre duas pancadas no gongo**)**

- Não preciso jurar, visto que te amo.

CALÍGULA

- Farás tudo o que eu te disser.

CESÔNIA

- Sim, Calígula, mas para.

CALÍGULA (sempre martelando**)**

- Serás cruel.

CESÔNIA

- Cruel.

CALÍGULA

- Fria e implacável.

CESÔNIA

- Implacável.

CALÍGULA

- sofrerás também.

CESÔNIA

- Sofrerei Calígula; mas para, assim enlouqueço. Entraram alguns

patrícios, espantadíssimos e com eles, servos. Calígula bate uma última pancada, levanta o maço e voltando-se para eles, chama-os.

CALÍGULA

- Venham todos. Aproximem-se. Exijo que se aproximem. **(**Bate com os pés**)** É um imperador que ordena que se aproximem. **(**avançam todos apavorados**)** Venham depressa. E agora, avança, Cesônia. **(**Pega-lhe na mão, leva-a para o espelho e com o maço apaga freneticamente uma imagem na superfície polida.**)** Mais nada, estão vendo ? Acabaram-se as lembranças, apagaram-se os rostos. Nada, mais nada. E sabes o que ficou? Aproxima-te um pouco. Olha. Venham todos! Olhem. **(**posta-se diante do espelho**)**

CESÔNIA (olhando o espelho**)**

- Calígula

CALÍGULA (pousa o dedo sobre o espelho**)**

- Calígula

DESCE O PANO.

SEGUNDO ATO

CENA I

(ALGUNS PATRÍCIOS ESTÃO REUNIDOS NOS APOSENTOS DE KERÊA.)

METELO

- Insulta a nossa dignidade.

MÚCIO

- Há três anos:

SENECTO

- Chama-me "bonequinha" Ridiculariza-me: Morra.

METELO

- Faz-nos correr à roda da sua liteira todas as tardes, quando vai passear no campo.

OCTÁVIO

- E depois diz que correr faz bem a saúde.

MÚCIO

- Há três anos.

SENECTO

- Não tem desculpa.

CÁSSIO

- Não tem perdão.

METELO

- Patrício, confiscou os teus bens; matou o teu pai, Scipião; raptou a tua mulher, Octávio e levou-a para o prostíbulo; Cássio matou o teu filho. Estão dispostos a agüentar com tudo? Por mim já decidi. Entre o risco a correr e esta vida insuportável de pavor e impotência, não hesito.

SCIPIÃO

- Ao matar o meu pai, ele decidiu por mim.

METELO

- Vão hesitar ainda?

CÁSSIO

- Estamos contigo. Ele distribuiu ao povo os nossos lugares no circo e incitou-nos a lutar com a plebe para melhor nos castigar depois.

SENECTO

- Um covarde.

OCTÁVIO

- Um cínico.

CÁSSIO

- Um comediante.

SENECTO

- Um impotente.

METELO

- E há três anos.

(TUMULTO E DESORDEM. ERGUEM-SE ARMAS. UM ARCHOTE CAI. UMA MESA É DERRUBADA. TODOS SE PRECIPITAM PARA A SAÍDA. MAS KERÊA QUE ENTRA, IMPERTURBÁVEL, DETÉM O ÍMPETO GERAL.)

CENA II

KERÊA

- Onde vai com tanta pressa?

CÁSSIO

- Ao palácio.

KERÊA

- Bem vejo. Mas pensam que os deixarão entrar?

METELO

- Não se trata de pedir licença.

KERÊA

- Que energia repentina Permitem ao menos que me sente, na minha própria casa? **(**Fecham a porta, Kerêa senta-se na ponta da mesa derrubada e todos se voltam para ele.**)** Não é tão fácil quanto julgam, meus amigos. O medo que vos impele não pode fazer as vezes de coragem e de sangue-frio. Tudo isso é prematuro.

CÁSSIO

- Se não estás conosco, retira-te. Mas não dás com a língua nos dentes.

KERÊA

- Acho que estou com vocês, apesar de tudo. Mas por outras razoes.

CÁSSIO

- Basta de covardes

KERÊA (endireitando-se**)**

- Sim, basta de conversas. Vamos por as coisas em claro. Estou convosco, mas não sou a vosso favor. E o método que adotaram não me parece bem. Não reconheceram ainda o vosso verdadeiro inimigo e atribuem-lhe motivos mesquinhos. Os motivos dele são elevados e correis à vossa perda. Aprendam a vê-lo tal como é, para melhor combater.

CÁSSIO

- Bem vemos o que ele e: o mais insensato dos tiranos.

KERÊA

- Não é seguro. Imperadores loucos, já os tivemos. Mas este não chega bem a ser louco. O que eu detesto nele é que sabe o que quer.

METELO

- Quer a morte de nós todos.

KERÊA

- Não, isso é secundário. Ele põe o seu poder ao serviço duma paixão mais alta e mais funesta, ameaça o que temos de mais profundo. Não é sem dúvida a primeira vez que entre nós um homem dispõe dum poder sem limites; mas é a primeira vez que se serve dele ilimitadamente, a ponto de negar o homem e o mundo. É isso que me apavora e que pretendo atacar. Perder a vida é coisa de somenos e terei essa coragem quando for preciso. Mas ver esfumar-se o

sentido da vida, desaparecer a nossa razão de existir, isso é insuportável. Não se pode viver sem uma razão.

METELO

- A vingança é uma razão.

KERÊA

- Sim, e vou-a partilhar com vocês. Mas devem compreender que não o faço para tomar o partido das vossas pequenas humilhações. É para lutar contra uma idéia grandiosa cuja vitória significaria o fim do mundo. Posso admitir que vocês sejam postos em ridículo , mas não posso aceitar que Calígula faça aquilo que sonha fazer, tu do aquilo que sonha fazer. A sua filosofia transforma-se em cadáveres e, para nossa infelicidade, é uma filosofia que não admite objeções. É forçoso agir quando não se pode refutar.

CÁSSIO

- Vamos agir, então.

KERÊA

- Sim, vamos agir. Mas não se pode destruir esse poder injusto atacando-o de frente, quando ele está em pleno vigor. A tirania pode-se combater, mas e necessário usar de astúcia contra a maldade gratuita. É preciso incitá-la, exasperá-la, esperar que a lógica se transforme em demência. Mas, repito, e o que disse foi por honestidade, compreendam bem que ficarei convosco apenas temporariamente. Depois, não servirei os vossos interesses, desejoso apenas de recobrar a paz, num mundo de novo coerente. Não é ambição que me faz agir, mas um medo lógico, o medo desse inumano lirismo junto do que a minha vida não conta para nada.

METELO (adiantando-se**)**

- Acho que compreendi, mais ou menos. Mas o essencial é que tu penses, como nós, que as bases da sociedade estão minadas. Nós pensamos não é verdade? - que a questão é antes de tu do moral. A família periga, perde-se o respeito ao trabalho, a pátria inteira está entregue à blasfêmia. A virtude clama por socorro, não escutaremos o seu apelo? Conjurados, afinal, aceitareis que os patrícios sejam obrigados a correr à toda da liteira de César, todas as tardes?

SENECTO

- Permitireis que os chamem de "meu benzinho"?

OCTÁVIO

- Que lhes roubem a mulher?

CÁSSIO

- E os filhos?

MÚCIO

- E o dinheiro?

OCTÁVIO

- Não

METELO

- Falaste bem, Kerêa. Tivestes razão em nos acalmar. É ainda cedo para agir: hoje o povo estaria contra nós. Mas aguardarás conosco o momento propicio?

KERÊA

- Sim: deixaremos Calígula continuar nessa vida. Devemos até empurrá-lo. Organizaremos a sua loucura. Há de vir um dia em que ele se encontrará sozinho diante de um império de mortos e de parentes de mortos.

(CLAMOR GERAL. SOM DE TROMBETAS FORA. SILÊNCIO. DE BOCA EM BOCA CIRCULA UM NOME: CALÍGULA.)

CENA III

(ENTRAM CALÍGULA E CESÔNIA, SEGUIDOS DE HÉLICON E DE SOLDADOS. CENA MUDA. CALÍGULA PARA E OLHA OS CONJURADOS. VAI DE UM PARA OUTRO, ARRANJA UM CACHO DE CABELOS DE UM, RECUA PARA CONTEMPLAR OUTRO, FIXA-OS, DEPOIS PASSA A MÃO PELOS OLHOS E SAI SEM PRONUNCIAR UMA PALAVRA.)

CENA IV

CESÔNIA (mostrando a desordem**)**

- Estavam brigando?

KERÊA

- Estávamos.

CESÔNIA

- E por que razão?

KERÊA

- Sem razão.

CESÔNIA

- Então não é verdade.

KERÊA

- Não é verdade, o que?

CESÔNIA

- Não estavam brigando.

KERÊA

- Então não estávamos.

CESÔNIA

- Talvez seja melhor arrumar um pouco a sala. Calígula tem horror da desordem.

HÉLICON (a Senecto**)**

- Vão acabar por exasperá-lo.

SENECTO

- Mas afinal que fizemos nós?

HÉLICON

- Nada precisamente. É inacreditável que se possa levar a insignificância a tal ponto. Acaba sendo insuportável. Ponham-se no lugar de Calígula. Pausa**)** Naturalmente, sempre conspiravam um pouco, não?

SENECTO

- Mentira, ora essa Que pensa ele?

HÉLICON

- Não pensa, sabe. Mas acho que no fundo até o deseja. Vamos, ajudem a reparar a desordem.

(CALÍGULA ENTRA E OBSERVA-OS.)

CENA V

CALÍGULA (a Senecto**)**

- Bom dia, meu benzinho. **(**aos outros**)** Kerêa, decidi restaurar-me aqui em tua casa. E permiti-me convidar a tua mulher, Múcio. **(**o intendente bate as mãos. Entra um escravo, mas Calígula detém-no.**)** Um instante: Senhores, como é do vosso conhecimento, as finanças do Estado mantinham-se de pé, até agora apenas pela força do hábito. Desde ontem nem o hábito basta Acho-me pois defronte à lamentável necessidade de proceder a uma compressão do pessoal. Num espírito de sacrifício que, estou certo, apreciareis, decidi reduzir o meu trem da vida, libertando alguns escravos e vou tomar-vos ao meu serviço. Façam o favor de preparar a mesa e de a servir.

(OS SENADORES ENTREOLHAM-SE E HESITAM.)

HÉLICON

- Então, senhores, um pouco de boa-vontade. Verão que é mais fácil descer a escada social do que subi-la.

(OS SENADORES MOVIMENTAM-SE COM HESITAÇÃO.)

CALÍGULA (a Cesônia**)**

- Qual é o castigo reservado aos escravos preguiçosos?

CESÔNIA

- A fustigação, creio.

(OS SENADORES PRECIPITAM-SE E COMEÇAM A PÔR A MESA DESAJEITADAMENTE.)

CALÍGULA

- Ora vamos, um pouco mais de aplicação! E método, sobretudo muito método. **(**a Hélicon.**)** Perderam a mão, parece?

HÉLICON

- Na verdade nunca a tiveram, senão para mandar ou castigar É preciso termos só um pouco de paciência. Para fazer um senador basta um dia, mas são precisos dez anos para formar um trabalhador.

CALÍGULA

- E receio que sejam necessários vinte para que um senador se transforme em trabalhador.

HÉLICON

- Ainda assim, vão indo. Acho que são dotados. A servidão lhes convira. **(**um senador enxuga o suor.**)** Olha, começam até a transpirar! Já é um progresso.

CALÍGULA

- Bem, bem, não exigimos demais. Já não estão mal. E depois, um momento de justiça é sempre bom. A propósito de justiça, tenho que me

apressar: uma execução me espera. Ah, Rufo tem sorte que eu esteja com fome. **(**Confidencialmente.**)** Rufo é o cavalheiro que vai morrer. **(**Pausa**)** Ninguém me pergunta por que razão ele deve morrer? **(**Silêncio geral. Entretanto os escravos trouxeram viveres. Com bom humor.**)** Ah, vejo que começam a ficar inteligentes **(**Morde uma azeitona**)** Acabaram compreendendo que para morrer não e preciso um motivo. Soldados, estou contente convosco. Não e verdade, Hélicon? **(**Pára de comer e olha os convivas com ar brincalhão.**)**

HÉLICON

- Sem dúvida. Que exército! Mas se queres que te diga, acho que estão ficando demasiado inteligentes. Daqui a pouco vão se negar a combater. Se progridem ainda, o Império desaba!

CALÍGULA

- Ótimo. Descansaremos. Vamos a ver, sentem-se a vontade. Na da de protocolos. Realmente, esse Rufo tem sorte. Mas tenho a certeza que nem aprecia esta pequena trégua. E, no entanto, umas horas ganhadas sobre a morte, é inestimável.

(TODOS COMEM. TORNA-SE EVIDENTE QUE CALÍGULA SE COM PORTA MAL A MESA. NADA O OBRIGA A DEITAR OS CAROÇOS DE AZEITONA NO PRATO DO VIZINHO, A CUSPIR RESTOS DE CARNE NA TRAVESSA, PALITAR OS DENTES COM AS UNHAS E COÇAR A CABEÇA FRENETICAMENTE. E NO ENTANTO É O QUE ELE FAZ, COM TODA A SIMPLICIDADE, DURANTE A REFEIÇÃO. BRUSCAMENTE PARA DE COMER E FIXA. CÁSSIO COM INSISTÊNCIA. BRUTALMENTE.)

CALÍGULA

- Estás com ar de mau humor. Será por que eu mandei executar o teu filho?

CÁSSIO (com um nó na garganta**)**

- Nada disso, Caio. Pelo contrário.

CALÍGULA

- Pelo contrário! Ah, como eu gosto que o rosto desminta o coração! O teu rosto está triste. Mas o teu coração? Pelo contrário, não é, Cássio?

CÁSSIO

- Pelo contrário, César.

CALÍGULA

- Ah, Cássio, ninguém me caro como tu. Vamos rir os dois, vamos? Conta-me uma história divertida.

CÁSSIO

- Caio!

CALÍGULA

- Bem, bem. Conto eu, então. Mas tu rirás, não é, Cássio? **(**com um olhar maldoso**)** Quanto mais não seja pelo teu outro filho. Além disso, não estás de mau humor. **(**bebe, depois ditando**)** Pelo... pelo vamos, Cássio.

CÁSSIO

- Pelo contrário, Caio.

CALÍGULA

- Ora, inda bem. **(**bebe**)** Agora escuta. **(**meditando**)** Era uma vez um pobre imperador que finquem amava. Ele, que amava Cássio, mandou matar o seu filho mais moço para arrancar esse amor do coração. **(**mudando de *tom)* Naturalmente não é verdade. Mas é divertido, não? Como, não ris? Ninguém ri? Então ouçam bem. **(**com violenta cólera**)** Exijo que todos riam. Tu, Cássio, e todos os demais. Levantem-se, riam. **(**Batendo na mesa**)** Exijo, estão ouvindo? Exijo que todos riam. Todos se levantam. Durante esta cena os atores, excetuando Calígula e Cesônia, poderão representar como fantoches. Recostando-se no leito, felicíssimo, toma do de um riso irresistível:

CALÍGULA

- Olha, só para eles, Cesônia. Nada resiste. Honestidade, dignidade, respeito humano, sabedoria das nações, tudo perde o significado. Tudo desaparece diante do medo. O medo, hein, Cesônia, que belo sentimento. Imaculado, puro, desinteressado, um dos poucos que tiram sua nobreza das vísceras. **(**passa a mão na testa e bebe. Em tom cordial**)** Mudemos de assunto. Então, Kerêa, estás muito silencioso.

KERÊA

- Estou pronto a falar, Caio. Quando tu permitires.

CALÍGULA

- Ótimo. Então não digas nada. Preferia ouvir o nosso amigo Múcio.

MÚCIO (contra vontade**)**

- As tuas ordens, Caio.

CALÍGULA

- Fala-nos então da tua mulher. E antes de mais nada dize-lhe para vir sentar-se a minha esquerda. **(**a mulher de Múcio vem para junto de Calígula.**)** Então, Múcio, estamos esperando.

MÚCIO (meio desorientado**)**

- A minha mulher? Gosto dela... Riso geral.

CALÍGULA

- Certamente, meu caro, certamente. Mas como ó banal **(**Fez sentar junto dele a mulher de Múcio, a qual está lambendo distraidamente um ombro. Muito à vontade.**)** A propósito, quando eu entrei, estavam conspirando, não é? Davam-se ao luxo duma conspiraçãozinha, hein?

SENECTO

- Mas que idéia, Caio:

CALÍGULA

- Não tem importância belezinha. São as loucuras da velhice. Nenhuma importância, realmente, visto que são incapazes dum ato corajoso. Ah, agora me lembro que tenho certos negócios de Estado a resolver. Mas, antes, satisfaçamos os desejos imperiosos que a natureza suscita em nós. **(**Levanta-se e arrasta a mulher de Macio para um outro aposento.**)**

CENA VI

(MÚCIO FAZ MENÇÃO DE LEVANTAR-SE.)

CESÔNIA (amavelmente**)**

- Oh, Múcio, beberia com prazer um pouco mais deste ótimo vinho. **(**Múcio, subjugado, serve-a em silêncio. Um instante de constrangimento. Todos se mexem nas cadeiras. O diálogo que segue é um pouco contrafeito.**)** Então, Kerêa, se me dissesses agora por que estavam brigando, há pouco?

KERÊA (friamente**)**

- Tudo veio, cara Cesônia, duma discussão sobre se a poesia deve ser mortífera ou não.

CESÔNIA

- É muito interessante. Mas o assunto ultrapassa o meu entendimento de mulher. No entanto, admiro que a vossa paixão pela arte vos leve até à pancada.

KERÊA

- Sem dúvida. Mas Calígula já me disse que não há paixão profunda sem um pouco de crueldade.

HÉLICON

- Nem amor que não seja um pouco violento.

CESÔNIA (comendo**)**

- Até certo ponto é verdade. Não lhes parece?

SENECTO

- Calígula é um psicólogo vigoroso.

METELO

- Falou-nos da coragem com muita eloqüência

OCTÁVIO

- Deveria fazer um resumo das suas idéias. Seria inestimável.

KERÊA

- Além disso era uma ocupação. É visível que ele está necessitado de distrações.

CESÔNIA (continuando a comer**)**

- Gostareis de saber que ele já pensou nisso e que atualmente está escrevendo um vasto tratado.

CENA VII

(ENTRAM CALÍGULA E A MULHER DE MÚCIO...)

CALÍGULA

- Aqui tens a tua mulher, Múcio. Ela irá ter contigo. Mas desculpem-me tenho umas instruções a dar. **(**sai rapidamente. Múcio pálido, levanta-se.**)**

CENA VIII

CESÔNIA (a Múcio que ficou de pé**)**

- É esse grande tratado, Múcio, nada ficará a dever aos mais célebres, ninguém o duvida.

MÚCIO (sem tirar os olhos da porta por onde Calígula saiu.**)**

- E de que se trata, Cesônia?

CESÔNIA

- Oh, é acima do meu entendimento.

KERÊA

- Devemos então concluir que trata do poder mortífero da poesia.

CESÔNIA

- Creio que sim.

SENECTO

- Ótimo É uma ocupação, como dizia Kerêa.

CESÔNIA

- Sim, belezinha. Mas o que na certa vos desagradara e o título da obra.

KERÊA

- Qual é?

CESÔNIA

- “O Gládio”.

CENA IX

(CALÍGULA ENTRA, RAPIDAMENTE.)

CALÍGULA

- Perdoem, mas os negócios do Estado são imperiosos também Intendente, manda fechar os celeiros públicos. Acabo de assinar o decreto. Está lá dentro.

INTENDENTE

- Mas...

CALÍGULA

- Haverá fome.

INTENDENTE

- O povo vai murmurar.

CALÍGULA (com vigor e precisão**)**

- Digo que haverá fome. Todos sabem o que é fome: é um flagelo. Vai haver um flagelo... que eu deterei , quando muito bem me apetecer. **(**explicando aos circunstantes.**)** Afinal não tenho assim tantas maneiras de provar que sou livre. Somos sempre livres à custa de alguém. É aborrecido mas é normal. **(**com um olhar em direção a Múcio.**)** Apliquem esta máxima ao ciúme e verão. **(**pensativo**)** Ainda assim, e vergonhoso ter ciúmes. Sofrer por vaidade e em

imaginação Ver a sua mulher... **(**Múcio aperta os punhos e abre a boca. Rapidamente.**)** Comam, senhores, comam. Sabem que trabalhamos muito, eu e Hélicon? Estamos dando os últimos retoques num pequeno tratado da execução que, como verão, é uma beleza.

HÉLICON

- Suponho que se lhes peça a opinião.

CALÍGULA

- Vamos ser generosos, Hélicon Vamos revelar-lhes os nossos segredinhos. Ora vejamos, secção III, primeiro parágrafo.

HÉLICON (levanta-se e recita maquinalmente.**)**

- A execução alivia e liberta. É universal, fortificante e justa, tanto nas suas aplicações quanto nas suas intenções. Morre-se porque é culpado. É-se culpado porque se é súdito de Calígula. Ora, todos são súditos de Calígula. Por conseguinte, todos são culpados. Donde se segue que todos tem de morrer. É só questão de tempo e de paciência.

CALÍGULA (rindo**)**

- Que lhes parece? A paciência, hein, é um achado! Querem saber uma coisa? É o que eu mais admiro em vocês. E agora senhores, podem-se retirar. Kerêa já não precisa de vós. Mas Cesônia que fique: E Cássio e Octávio: Merêa também. Quero discutir convosco a organização do meu prostíbulo. Causa-me grandes preocupações. Os outros saem lentamente. Calígula segue Múcio com o olhar.

CENA X

KERÊA

- Às tuas ordens, Caio. Que é que não vai bem? É o pessoal que não satisfaz?

CALÍGULA

- Nada disso. As receitas é que não são boas.

MERÊA

- É aumentar as tarifas.

CALÍGULA

- Perdeste uma boa ocasião de estar calado, Merêa. Dada a tua idade estas questões não te interessam e não te peço a opinião.

MERÊA

- Nesse caso para que me mandaste ficar?

CALÍGULA

- Porque daqui a pouco vou precisar dum conselho desapaixonado. Merêa afasta-se.

KERÊA

- Se me é permitido falar com paixão, Caio, direi que não se deve tocar nas tarifas.

CALÍGULA

- Claro. Mas precisamos aumentar a renda. Já expus o meu plano a Cesônia. Ela vos explicará. Por mim, bebi demais e começo a ter sono. **(**estende-se e fecha os olhos**)**

CESÔNIA

- É muito simples. Calígula cria uma nova condecoração.

KERÊA

- Não vejo o que tem uma coisa com a outra.

CESÔNIA

- Tem, sim. A distinção consistirá na ordem do Herói cívico e recompensará os cidadãos que mais assiduamente tiveram freqüentado o prostíbulo de Calígula.

KERÊA

- Uma idéia luminosa.

CESÔNIA

- Também acho. Esquecia-me dizer que a recompensa é outorgada todos os meses, após verificação dos bilhetes de entrada; o cidadão que não for condecorado no fim de doze meses é exilado ou executado.

CÁSSIO

- Por que "ou executado"?

CESÔNIA

- Calígula diz que isso não tem nenhuma importância. O essencial é que ele possa decidir.

KERÊA

- Bravo. O Tesouro Público está salvo.

HÉLICON

- E respeitando sempre a moral, notem bem. Afinal, é melhor tabelar o vício que espoliar a virtude, como se faz nas sociedades republicanas.

(CALÍGULA ENTREABRE OS OLHOS E CONTEMPLA O VELHO MERÊA QUE, APARTADO, RETIRA UM PEQUENO FRASCO E BEBE UM GOLE.)

CALÍGULA

- Que estás bebendo, Merêa?

MERÊA

- É um remédio para a asma, Caio.

CALÍGULA (afasta os outros dirige-se para ele e cheira-lhe a boca.**)**

- Não. É um contra-veneno.

MERÊA

- Mas que idéia, Caio. Estás brincando. Tenho sufocações durante a noite

e há muito tempo que me trato.

CALÍGULA

- Quer dizer que tens medo de ser envenenado?

MERÊA

- A minha asma...

CALÍGULA

- Não. Vamos chamar as coisas pelo seu nome: receias que eu te envenene. Desconfias de mim. Espia—me.

MERÊA

- Não, não, juro pelos deuses.

CALÍGULA

- Desconfias de mim. De certa forma, suspeitas-me.

MERÊA

- Caio

CALÍGULA (brutalmente**)**

- Responda-me. **(**matemático**)** Se estás tomando um contra-veneno á porque me atribuis a intenção de envenenar-te.

MERÊA

- e... quero dizer... não.

CALÍGULA

- E desde que pensas que eu decidi envenenar-te, fazes tudo para te opor à minha vontade.

(SILÊNCIO. DESDE O COMEÇO DA CENA CESÔNIA E KERÊA RETIRARAM-SE PARA O FUNDO DO PALCO. SÓ CÁSSIO SE QUE O DIÁLOGO COM AR DE ANGÚSTIA.)

CALÍGULA

- São dois crimes e uma alternativa de que não escaparás: ou eu não tinha a intenção de te assassinar e nesse caso suspeitas injustamente de mim; ou eu tinha essa intenção e tu, inseto opões-te aos meus desígnios. **(**pausa. Calígula contempla o velho com satisfação.**)** Hein, Merêa, que dizes tu desta lógica?

MERÊA

- É... rigorosa, Caio. Mas não se aplica ao meu caso.

CALÍGULA

- E, terceiro crime, tomas-me por um imbecil. Ora, escuta. Desses três crimes apenas um, o segundo, á honroso para ti, porque, desde que me atribuis uma decisão e a contrarias, isso implica numa revolta da tua parte. És um agitador, um revolucionário. Está bem. **(**com tristeza.**)** Estimo-te muito Merêa. Por isso serás condenado apenas pelo teu segundo crime e não pelos outros. Vais morrer virilmente, por te teres revoltado. **(**durante este discurso Merêa vai-se encolhendo aos poucos na cadeira.**)** Não me agradeças. É muito natural da minha parte. Toma. **(**entrega-lhe um frasquinho. Amavelmente.**)** Bebe este

veneno. Vamos, vamos. **(**Merêa sacudido pelos soluços, abana a cabeça negativamente. Calígula impacienta-se. Merêa tenta fugir. Mas Calígula com um pulo selvagem agarra-o no meio do palco, atira-o sobre o assento baixo e depois duma breve luta enfia-lhe o frasco na boca, quebrando-o a murros. Após alguns sobressaltos, Merêa, com o rosto coberto de água e de sangue, morre. Calígula endireita-se e enxuga as mãos maquinalmente. A Cesônia, dando-lhe um fragmento do frasco de Merêa.**)** O que á? Um contra veneno?

CESÔNIA (calmamente**)**

- Não Calígula. É um remédio contra a asma.

CALÍGULA (olhando Merêa e depois dum silêncio.**)**

Não importa. Tanto faz. Mais cedo ou mais tarde... Sai bruscamente, com ar atarefado, limpando as mãos.

CENA XI

CÁSSIO (aterrado**)**

- Que havemos de fazer?

CESÔNIA (com simplicidade**)**

- Primeiro retirar o corpo, acho. É tão feio

(KERÊA E CÁSSIO ARRASTAM O CORPO PARA OS BASTIDORES.)

CÁSSIO (a Kerêa**)**

- Teremos que agir quanto antes.

KERÊA

- Era preciso que fossemos duzentos.

(ENTRA O JOVEM SCIPIÃO. AVISTANDO CESÔNIA TEM UM GESTO DE RECUO.)

CENA XII

CESÔNIA

- Vem cá.

SCIPIÃO

- Que desejas?

CESÔNIA

- Aproxima-te. **(**levanta-lhe o queixo e olha-o nos olhos. Pausa. Friamente**)** Ele assassinou o teu pai?

SCIPIÃO

- Assassinou.

CESÔNIA

- Tens-lhe ódio, não é?

SCIPIÃO

- Tenho.

CESÔNIA

- Queres matá-lo?

SCIPIÃO

- Quero.

CESÔNIA (largando-o**)**

- Então por que o dizes, a mim?

SCIPIÃO

- Porque não temo ninguém. Assassina-lo ou ser assassinado por ele são duas formas de acabar com tudo. Além disso, tu não me trairás.

CESÔNIA

- É verdade, não te trairei. Mas queria dizer-te uma coisa. Ou antes, queria dirigir-me ao que há de melhor em ti.

SCIPIÃO

- O que há de melhor em mim é o ódio.

CESÔNIA

- Escuta só. Quero dizer-te uma palavra apenas, difícil e evidente ao mesmo tempo. Mas se essa palavra fosse realmente compreendida, realizaria a única revolução definitiva neste mundo.

SCIPIÃO

- Dize então.

CESÔNIA

- Espera. Pensa primeiro no rosto convulso do teu pai quando lhe arrancavam a língua. Pensa nessa boca cheia de sangue e no seu grito de animal torturado.

SCIPIÃO

- Sim.

CESÔNIA

- Pensa agora em Calígula.

SCIPIÃO (com a força do ódio**)**

- Sim

CESÔNIA

- E agora escuta: procura compreende-lo. **(**Sai, deixando o jovem Scipião desarvorado. Entra Hélicon

CENA XIII

HÉLICON

- Calígula vai voltar. Se fosses comer alguma coisa, jovem poeta?

SCIPIÃO

- Hélicon, ajuda-me.

HÉLICON

- É perigoso, minha pombinha. Além disso não entendo nada de poesia.

SCIPIÃO

- Podias ajudar-me. Sabes tanta coisa.

HÉLICON

- Sei apenas que os dias passam e que o melhor é comer enquanto há tempo. Sei também que poderias matar Calígula... e que ele não se importaria.

(ENTRA CALÍGULA. HÉLICON SAI.)

CENA XIV

CALÍGULA

- Ah, és tu. **(**Para, como se não soubesse que atitude tomar.**)** Há muito que não te via. **(**avançando para ele devagar.**)** Que tens feito? Continuas a escrever? Podes mostrar-me as tuas últimas produções?

SCIPIÃO (também pouco à vontade, dividido entre seu ódio e ele mesmo não sabe bem o que.**)**

- Tenho escrito poemas, César.

CALÍGULA

- Sobre que?

SCIPIÃO

- Não sei bem, Casar. Sobre a natureza, creio.

CALÍGULA (já mais à vontade**)**

- É um belo tema. Muito vasto. O que e que ela te fez, a natureza?

SCIPIÃO (retraindo-se e com ar irônico e maldoso**)**

- Consola-me de não ser um Casar.

CALÍGULA

- Ah: E achas que ela podia consolar-me de o ser?

SCIPIÃO

- Realmente, tem curado feridas mais profundas.

CALÍGULA

- Feridas? Dizes isso com uma certa maldade. É por que matei o teu pai? Mas se soubesses como a palavra é justa. Ferida! Não há como o ódio para tornar as pessoas inteligentes.

SCIPIÃO (tenso**)**

- Respondo à tua pergunta sobre a natureza.

(CALÍGULA SENTA-SE, OLHA SCIPIÃO E BRUSCAMENTE AGARRA-LHE AS MÃOS E OBRIGA-O A SENTAR-SE AOS SEUS PÉS. TOMANDO-LHE O ROSTO NAS MÃOS.)

CALÍGULA

- Recita-me o teu poema.

SCIPIÃO

- Por favor, Casar, não.

CALÍGULA

- Por que?

SCIPIÃO

- Não o tenho comigo.

CALÍGULA

- E não te recordas?

SCIPIÃO

- Não

CALÍGULA

- Dize-me pelo menos o que contam.

SCIPIÃO (sempre tenso e de má-vontade.**)**

- Falava de...

CALÍGULA

- De que?

SCIPIÃO

- Não, não sei...

CALÍGULA

- Experimenta.

SCIPIÃO

- Falava duma certa concordância com a terra...

CALÍGULA (interrompendo-o com ar absorto**)**

- ... entre a terra e o pé.

SCIPIÃO (surpreso, hesita e depois continua**)**

- Sim, é mais ou menos isso.

CALÍGULA

- Continua.

SCIPIÃO

- E também entre a linha das colinas romanas e essa acalmia fugitiva e emocionante que vem com o crepúsculo...

CALÍGULA

- E o grito das andorinhas no céu verde.

SCIPIÃO (abandonando-se mais um pouco**)**

- Sim, também.

CALÍGULA

- E depois?

SCIPIÃO

- E desse minuto sutil em que o céu, ainda inundado de ouro oscila bruscamente e nos mostra num instante a sua outra face, apinhada de estrelas fulgurantes.

CALÍGULA

- Desse cheiro de fumaça, árvores e água que sobe então da terra para o céu noturno.

SCIPIÃO

- ... o grito das cigarras, o mormaço que amaina, os cães, o rolar dos últimos carros, a voz dos caseiros...

CALÍGULA

- ... e as sombras invadindo os caminhos entre os olivais...

SCIPIÃO

- Sim, sim, é isso mesmo: Mas como adivinhaste?

CALÍGULA (apertando o jovem Scipião contra si**)**

- Não sei. Talvez porque amamos verdades idênticas.

SCIPIÃO (palpitante, esconde a cabeça no peito de Calígula**)**

- Ah, que importa, se tudo para mim se converte em amor.

CALÍGULA (sempre acariciante**)**

- É próprio das grandes almas, Scipião. Se ao menos eu pudesse partilhar a tua transparência Mas, demasiado sei a força da minha paixão pela vida, demasiado sei que não me basta a natureza. Não podes compreender isso. És dum outro mundo. És puro no bem como eu sou puro no mal.

SCIPIÃO

- Posso compreender, sim.

CALÍGULA

- Não. Tudo que há em mim, este lago de silêncio, esses juncos

apodrecidos. **(**mudando de tom bruscamente**)** O teu poema deve ser muito bonito. Mas se queres a minha opinião...

SCIPIÃO

- Sim.

CALÍGULA

- Falta sangue em tudo isso.

(SCIPIÃO TEM UM BRUSCO MOVIMENTO DE RECUO E OLHA CALÍGULA COM HORROR. CONTINUANDO A RECUAR FALA COM VOZ SURDA DIANTE DE CALÍGULA QUE FIXA INTENSAMENTE.)

SCIPIÃO

- Ah, que monstro, que monstro infecto: Continuas a representar. Foi tudo uma comédia, hein? E agora estás satisfeito contigo?

CALÍGULA (com um pouco de tristeza**)**

- Tens uma certa razão. Representei.

SCIPIÃO

- Que coração ignóbil e ensangüentado deve ser o teu: Oh, como tanta maldade e tanto ódio te devem torturar:

CALÍGULA (com brandura**)**

- Agora cala-te.

SCIPIÃO

- Como te lastimo e como te odeio.

CALÍGULA (colérico**)**

- Cala-te!

SCIPIÃO

- E que imunda solidão deve ser a tua:

CALÍGULA (explodindo, atira-se a ele, agarra-o e sacode-o.**)**

- A solidão: Sabes lá o que é a solidão: Talvez a dos poetas e a dos impotentes. A solidão? Mas qual? Ah, não sabes então que sozinho não se está nunca: E que a mesma carga de passado e de futuro nos acompanha sempre? Os seres que matamos estão a nosso lado. E esses ainda não são os piores. Mas aqueles que amamos, aqueles que não amamos e que nos amaram, o arrependimento, o desejo, o azedume e a doçura, as putas e a corja dos deuses. **(**larga-o e recua**)** Sozinho Ah, se ao menos, em lugar desta solidão empestada de presenças que é a minha, eu pudesse gozar a verdadeira solidão, o silêncio e o frêmito duma árvore **(**sentando-se com um súbita prostração**)** A solidão Nada disso, Scipião. Ela é povoada de ranger de dentes e ressoa de ruídos e clamores perdidos. E junto das mulheres que acaricio, quando a noite se fecha sobre nos, e alheado da minha carne enfim saciada eu penso apreender um pouco de mim entre a vida e a morte, a minha solidão total impregna-se do odor acre do prazer nas axilas da mulher aniquilada, ainda a meu lado. **(**Calígula parece extenuado. Longo silêncio. O jovem Scipião passa por detrás de Calígula e aproxima-se hesitante. Apoia-lhe a mão no ombro. Calígula, sem se voltar recobre-a com uma das suas.

SCIPIÃO

- Todos os homens tem um consolação qualquer na vida que os ajuda a agüentar. É para ela que se voltam quando se sentem esgotados.

CALÍGULA

- É verdade, Scipião.

SCIPIÃO

- Na tua vida não há então nada de semelhante, o aproximar das lágrimas, um refúgio silencioso?

CALÍGULA

- Creio que sim, apesar de tudo.

SCIPIÃO

- Que é?

CALÍGULA (lentamente**)**

- O desprezo.

DESCE O PANO

TERCEIRO ATO

CENA I

(ANTES DE SE ERGUER O PANO OUVE-SE BARULHO DE CÍMBALOS E RUFAR DE TAMBOR. O PANO ABRE-SE SOBRE UMA ESPÉCIE DE ESPETÁCULO DE FEIRA. AO CENTRO, UM CORTINADO DIANTE DO QUAL, SOBRE UM PEQUENO ESTRADO, ESTÃO HÉLICON E CESÔNIA. DE CADA LADO OS CIMBALISTAS. SENTADOS, DE COSTAS PARA O PÚBLICO, ALGUNS PATRÍCIOS E O JOVEM SCIPIÃO.)

HÉLICON (em tom de arenga de saltimbanco**)** Aproximem-se: Aproximem-se. **(**címbalos**)**

- Eis que os deuses mais uma vez desceram à terra, Caio. César e deus, cognominado Calígula, emprestou-lhes a sua forma humana. Aproximem-se, mesquinhos mortais, o sacro milagre opera-se ante vossos olhos. Por uma graça particular ao bendito reinado de Calígula, os segredos divinos serão patenteados a todos os olhares. **(**Címbalos**)**

CESÔNIA

- Aproximem-se, senhores: Adorem e dêem um ébulo. Eis os mistérios celestes aos alcance de todas as bolsas. **(**címbalos**)**

HÉLICON

- Os bastidores do Olimpo, com as suas intrigas e as suas lágrimas: O

Olimpo em chinelos: Aproximem-se, aproximem-se: A verdade nua e crua sobre os vossos deuses: **(**címbalos**)**

CESÔNIA

- Adorem e ofereçam um óbulo. Aproximem-se, senhores, a representação vai começar.

(CÍMBALOS. MOVIMENTO DE ESCRAVOS QUE TRAZEM DIVERSOS OBJETOS PARA O ESTRADO.)

HÉLICON

- Uma reconstituição impressionante de verdade, uma realização sem precedentes: Os majestosos cenários do poder divino transporta dos para a terra; uma atração sensacional, incomparável, o relâmpago, **(**os escravos acedem "fogos gregos"**)** o trovão **(**os escravos fazem rolar um barril cheio de calhaus**)** o destino em pessoa na sua marcha triunfal: Aproximem-se e contemplem.

(ABRE-SE O CORTINADO E APARECE CALÍGULA SOBRE UM PEDES TAL, FANTASIADO DE VÊNUS GROTESCA.)

CALÍGULA

- Hoje, sou Vênus.

CESÔNIA

- Começa a adoração. Prosternem-se. **(**todos se prosternam, excetuando Scipião**)** e repitam comigo a devota prece a Calígula-Vênus: "Deusa das dores e

da dança...”

OS PATRÍCIOS

- Deusa das dores e da dança...

CESÔNIA

- “Das ondas nascida, toda viscosa e amarga de sal e espuma...

OS PATRÍCIOS

- “Das ondas nascida, toda viscosa e amarga de sal e espuma...

CESÔNIA

- “Tu que és o riso e a mágoa...”

OS PATRÍCIOS

- “Tu que és o riso e a mágoa...”

CESÔNIA

- “... o ardor e a raiva...”

OS PATRÍCIOS

- “... o ardor e a raiva...”

CESÔNIA

- “Ensina-nos a indiferença que faz renascer o amor...”

OS PATRÍCIOS

- “Ensina-nos a indiferença que faz renascer o amor...

OS PATRÍCIOS

- “Ensina-nos a indiferença que faz renascer o amor...”

CESÔNIA

- “Instrui-nos na verdade deste mundo, cuja verdade é não a ter...”

OS PATRÍCIOS

- “Instrui-nos na verdade deste mundo, cuja verdade é não a ter...

CESÔNIA

- “E concede-nos a força de viver à altura desta verdade sem par...”

OS PATRÍCIOS

- “E concede-nos a força de viver à altura desta verdade sem par...

CESÔNIA

- Pausa!

OS PATRÍCIOS

- Pausa!

CESÔNIA (recomeçando**)**

- Cumula-nos de teus dons, derrama sobre o nosso rosto a tua crueldade imparcial, o teu ódio perfeitamente objetivo; abre sobre os nossos as tuas mãos cheias de flores e de crimes.”

OS PATRÍCIOS

- "... tuas mãos cheias de flores e de crimes."

CESÔNIA

- "Acolhe teus filhos transviados. Recebe-os no ermo asilo do teu amor indiferente e doloroso. Dá-nos tuas paixões sem objeto , tuas dores privadas de razão e tuas alegrias sem futuro...

OS PATRÍCIOS

- "... E tuas alegrias sem futuro..."

CESÔNIA (em voz muito alta**)**

- "Tu, tão despojada e ardente, inumana mas tão terrestre, embriaga-nos com o vinho da tua equivalência e sacia-nos para sempre do teu coração sombrio e salgado."

OS PATRÍCIOS

- "... Embriaga-nos com o vinho da tua equivalência e sacia-nos para sempre do teu coração sombrio e salgado."

(QUANDO OS PATRÍCIOS PRONUNCIAM A ÚLTIMA FRASE CAL{GULA ATÉ ENTÃO IMÓVEL, AGITA-SE E DIZ COM VOZ ESTENTÓREA:)

CALÍGULA

- Concedido, meus filhos; os vossos desejos serão satisfeitos. **(**senta-se

de pernas dobradas sobre o pedestal. Um por um dos patrícios prosterna-se, oferecem um óbulo e enfileiram-se à direita antes de sair, O último, perturbado, retira-se sem ter dado o óbulo, Calígula põe-se em pé dum salto.**)** Pchit! Pchit! Vem cá, meu amigo. Adorar é bom mas dar é melhor. Obrigado. Assim está bem. Se os deuses não tivessem outras riquezas além do amor dos mortais, seriam tão pobres quanto o pobre Calígula. E agora senhores, podem sair e espalhar pela cidade o surpreendente milagre a que tiveram o privilégio de assistir: viram Vênus em carne e osso, com esses olhos mortais, e Vênus dirigiu-vos a palavra. Podem-se retirar. **(**movimento dos patrícios**)** Um momento! Ao sair tomem o corredor da direita. No da esquerda mandei postar guardas para assassiná-los. Os patrícios saem apressadamente e com um pouco de desordem. Os escravos e os músicos retiram-se.

CENA II

HÉLICON (ameaçando Scipião com o dedo**)**

- Scipião, tornaste a te fazer de anarquista!

SCIPIÃO (a Calígula**)**

- Blasfemaste, Caio.

HÉLICON

- Que significa essa palavra?

SCIPIÃO

- Poluis o céu depois de teres ensangüentado a terra.

HÉLICON

- Adora as frase solenes, este jovem. **(**vai estender-se sobre um divã**)**

CESÔNIA

- Estás muito audacioso, meu caro. Há neste momento em Roma gente que morre por discursos menos eloqüentes.

SCIPIÃO

- Decidi dizer a verdade a Calígula.

CESÔNIA

- Pois é, Calígula, era só o que estava faltando ao teu reinado; uma bela

figura moral.

CALÍGULA

- Quer dizer que acreditas nos deuses Scipião?

SCIPIÃO

- Não.

CALÍGULA

- Então não compreendo: por que estás sempre tão pronto a denunciar blasfêmia?

SCIPIÃO

- Posso negar uma coisa sem por isso me achar obrigado a denegri-la ou a retirar aos outros o direito de acreditar nela.

CALÍGULA

- Mas que modéstia Isso sim que é modéstia Alegro-me por ti, caro Scipião. E invejo-te. Porque provavelmente é o único sentimento que nunca experimentei.

SCIPIÃO

- Não é a mim que invejas. É aos próprios deuses.

CALÍGULA

- Se não te importas, isso ficará como um segredo, o grande segredo do meu reinado. Atualmente só me podem lançar em rosto o ter feito mais um pequeno passo no caminho da potência e da liberdade. Para um homem que ama

o poder, a concorrência dos deuses tem qualquer coisa de irritante. Acabei com tal. Provei a esses deuses ilusórios que um homem, se possui vontade, pode exercer até sem aprendizagem a ridícula profissão deles.

SCIPIÃO

- É aí que está a blasfêmia, Caio.

CALÍGULA

- Nada disso, Scipião. Trata-se de lucidez: Simplesmente compreendi que há apenas uma forma de igualar-se aos deuses: basta ser cruel como eles.

SCIPIÃO

- Basta ser um tirano.

CALÍGULA

- Que é um tirano?

SCIPIÃO

- Uma alma cega.

CALÍGULA

- Não é seguro, Scipião. Um tirano é um homem que sacrifica o povo às suas idéias ou à sua ambição. Ora, eu não tenho idéias e nada mais me resta a almejar quanto a honrarias e a poder. Se exerço uma tal potência é por compensação.

SCIPIÃO

- De que?

CALÍGULA

- Da estupidez e do rancor dos deuses.

SCIPIÃO

- O ódio não compensa o ódio. O poder não é uma solução. E conheço um modo de neutralizar a hostilidade do mundo.

CALÍGULA

- Qual é?

SCIPIÃO

- A pobreza.

CALÍGULA (cuidando dos pés**)**

- Preciso de ensaiá-la também, qualquer dia.

SCIPIÃO

- Entretanto morrem muitos homens em torno de ti.

CALÍGULA

- Na realidade muito poucos, Scipião. Sabes quantas guerras recusei?

SCIPIÃO

- Não.

CALÍGULA

- Três. E sabes por que as recusei?

SCIPIÃO

- Porque não te importa nada a grandeza de Roma.

CALÍGULA

- Não. Porque respeito a vida humana.

SCIPIÃO

- Estás brincando, Caio.

CALÍGULA

- Ou pelo menos, respeito-a mais do que um ideal de conquista. Por outro lado, não a respeito mais do que a minha própria vida E se me é fácil matar é porque não me é difícil morrer. Não, quanto mais penso mais me persuado que não sou um tirano.

SCIPIÃO

- Que importa, se isso nos custa tão caro como se o fosses.

CALÍGULA (com um pouco de impaciência**)**

- Se soubesses contar verias que a mínima guerra empreendida por um tirano racional vos custaria mil vezes mais caro do que os caprichos da minha fantasia.

SCIPIÃO

- Mas, ao menos seria racional, e é indispensável compreender.

CALÍGULA

- O destino não se compreende, e é por isso que eu me fiz destino. Assumi o rosto estúpido e incompreensível dos deuses. É o que os teus companheiros de ainda há pouco aprenderam a venerar.

SCIPIÃO

- E é nisso que consiste a blasfêmia, Caio.

CALÍGULA

- Não; é arte dramática, Scipião. O erro de toda esta gente é não acreditar bastante no teatro. Se acreditasse saberia que é permitido a todo e qualquer um representar os dramas celestes e transformar-se em deus. Basta endurecer o coração.

SCIPIÃO

- Talvez, Caio. Mas se assim é, acho então que fizeste tudo para que um dia legiões de deuses humanos se levantem em torno de ti, por sua vez implacáveis, e afoguem no sangue a tua divindade momentânea.

CESÔNIA

- Scipião

CALÍGULA (com voz nítida e dura**)**

- Deixa, Cesônia. Acertaste, Scipião Sim, fiz tudo para isso. É-me difícil imaginar o dia a que te referes. Mas sonho às vezes com ele. E em todos os rostos que surgem então das profundezas da noite amarga, nesses traços crispados pelo ódio e pela angústia, reconheço efetivamente com delícia o único

deus que adorei neste mundo: covarde e miserável como o coração do homem. **(**com irritação**)** E agora vai-te. Já falaste demais. **(**mudando de tom**)** Tenho ainda que pintar as unhas dos pés. É urgente.

(TODOS SAEM, EXCETO HÉLICON QUE GIRA EM TORNO DE CALÍGULA SEMPRE ABSORTO NO CUIDADO DOS PÉS.)

CENA III

CALÍGULA

- Hélicon!

HÉLICON

- Que há?

CALÍGULA

- O teu trabalho progride?

HÉLICON

- Que trabalho?

CALÍGULA

- Mas... a lua!

HÉLICON

- Vai andando. É questão de paciência. Mas queria falar-te.

CALÍGULA

- Paciência talvez tivesse. Não tenho é muito tempo. Deves apressar-te, Hélicon.

HÉLICON

- Já te disse que farei o melhor possível. Mas agora tenho coisas graves a comunicar-te.

CALÍGULA (como se não tivesse escutado**)**

- Aliás já a obtive.

HÉLICON

- Quem?

CALÍGULA

- A lua.

HÉLICON

- Sim, é claro. Mas sabes que conspiram contra a tua vida?

CALÍGULA

- Obtive-a mesmo totalmente. Duas ou três vezes apenas, é verdade. Mas ainda assim, obtive-a.

HÉLICON

- Há muito que tento falar-te.

CALÍGULA

- Foi o verão passado. Há tanto tempo que a olhava e a acariciava sobre as colunas do jardim que ela tinha acabado por compreender.

HÉLICON

- Deixemos de brincadeiras, Caio. Ainda que não queiras ouvir-me, a minha obrigação é falar. Tanto pior se não escutas.

CALÍGULA (sempre ocupado a pintar as unhas dos pés**)**

- Este verniz não vale nada. Mas, para tornar à lua, foi durante uma bela noite de agosto. **(**Hélicon vira-se, despeitado, mantendo-se calado e imóvel**)** Ela fez-se um pouco de rogada. Eu já estava na cama. Apareceu primeiro toda sangrenta acima do horizonte. Depois começou a subir, cada vez mais leve, com rapidez crescente. E quanto mais subia mais clara se tornava. Até que foi como um lago opalescente nessa noite percorrida pelo frêmito das estrelas. Veio então no calor, doce, ligeira e nua. Transpôs a porta do quarto e com a sua certeira lentidão chegou até à minha cama onde se esgueirou, inundando-me dos seus sorrisos e do seu esplendor. Decididamente este verniz não presta para nada. Mas, com vês, Hélicon , posso dizer sem me gabar, que a possui.

HÉLICON

- Queres escutar-me e saber o que te ameaça?

CALÍGULA - (pára e olha-o fixamente**)**

- Quero apenas a lua, Hélicon. Sei de antemão o que será a minha morte. Mas não esgotei ainda tudo o que me pode ajudar a viver. É por isso que quero a lua. E não tornes a aparecer aqui enquanto não a conseguires.

HÉLICON

- Está bem, farei o meu dever e direi o que tenho a dizer-te. Formou-se uma conspiração contra ti. Kerêa é o chefe. Interceptei este escrito que te porá

ao corrente do essencial. Deixo-o aqui.

(HÉLICON COLOCA UMA "TABUINHA" DE CERA SOBRE UM DOS ASSENTOS E RETIRA-SE.)

CALÍGULA

- Onde vais, Hélicon?

HÉLICON (já na porta**)**

- Vou buscar-te a lua.

CENA IV

(BATEM LIGEIRAMENTE NA PORTA OPOSTA. CALÍGULA VIRA-SE BRUSCAMENTE E DÁ COM SENECTO.)

SENECTO (hesitando**)**

- Dás licença, Caio?

CALÍGULA (impaciente**)**

- Vamos, entra **(**olhando para ele**)** Então, belezinha, vens á procura de Vênus?

SENECTO

- Não, nada disso. Chut! Oh, perdão, Caio... quero dizer... bem sabes como te sou afeiçoado... e depois, desejo apenas terminar os meus dias em paz.

CALÍGULA

- Vamos, vamos.

SENECTO

- Sim. Pois bem... **(**muito depressa**)** É gravíssimo.

CALÍGULA

- Não, não e.

SENECTO

- Mas o que, Caio?

CALÍGULA

- Mas de que estamos nós falando, meu amor?

SENECTO (olhando em redor**)**

- É que... **(**retorce-se todo e acaba explodindo**)** Trata-se duma conspiração contra ti.

CALÍGULA

- Eu bem te dizia que não era nada de grave.

SENECTO

- Caio, eles querem assassinar-te.

CALÍGULA (aproxima-se dele e agarra-o pelos ombros**)**

- Sabes por que não posso acreditar-te?

SENECTO (fazendo um gesto de juramento**)**

- Juro pelos deuses, Caio.

CALÍGULA (suavemente e empurrando-o aos poucos para a saída**)**

- Não jures. Ora escuta. Se o que dizes é verdade, eu teria de supor que estás traindo os teus amigos, não é?

SENECTO (confuso**)**

- Mas, Caio, o meu amor por ti...

CALÍGULA (no mesmo tom**)**

- E não posso admitir uma coisa semelhante. Tive sempre um tal horror à covardia que me seria impossível condenar à morte um traidor. Bem sei o que vales. E por certo não pretendes nem trair nem morrer.

SENECTO

- Certamente, Caio, Certamente.

CALÍGULA

- Bem vês que tinha razão em não te acreditar. Não és um covarde, pois não?

SENECTO

- Ah, não.

CALÍGULA

- Nem um traidor?

SENECTO

- Evidentemente, Caio.

CALÍGULA

- Por conseguinte, não existe conspiração, não é verdade? Era apenas uma brincadeira?

SENECTO (arrasado**)**

- Uma brincadeira, uma simples brincadeira...

CALÍGULA

- Ninguém quer me assassinar, está claro?

SENECTO

- Ninguém, é claro, ninguém.

CALÍGULA (respirando fundo; depois lentamente**)**

- Então desaparece, belezinha. Um homem honrado é um animal tão raro neste mundo que não poderia suportar a sua presença por muito tempo. Preciso ficar só para saborear este grande momento.

CENA V

(CALÍGULA CONTEMPLA UM MOMENTO A "TABUINHA" SEM SAIR DO LUGAR, DEPOIS PEGA NELA E A LÊ. RESPIRA FUNDO E CHAMA UM GUARDA.)

CALÍGULA

- Chama Kerêa. **(**o guarda faz menção de sair.**)** Espera. **(**o guarda pára**)** Trata-o com deferência. **(**o guarda sai**) (**Calígula anda de cá para lá durante um instante e depois vai ao espelho**)** Tinhas decidido ser lógico, idiota. Trata-se agora de ver até que ponto. **(**irônico**)** Se te trouxessem a lua, tudo mudaria não é? O impossível deixaria de o ser e de repente, sem mais nem menos, tudo se transformaria. Por que não Calígula? Quem pode lã saber? **(**Olha em redor**)** Há cada vez menos gente em torno de mim, é curioso. **(**Ao espelho com voz surda**)** Demasiados mortos, demasiados mortos é o que causa este vazio. Mesmo se me trouxessem a lua não poderia voltar atrás. Mesmo que os mortos estremecessem de novo sob a carícia do sol, os homicídios não seriam por isso abolidos. **(**em tom raivoso**)** A lógica , é preciso seguir a lógica. Levar o poder até o fim, o abandono até o fim. Não, não se volta atrás Calígula. Tem que se ir à consumação. **(**entra Kerêa**)**

CENA VI

(CALÍGULA RECLINADO NO ASSENTO E ENVOLVIDO NO MANTO ATÉ O PESCOÇO PARECE EXTENUADO.)

KERÊA

- Mandaste-me chamar, Caio?

CALÍGULA (com voz débil**)**

- Mandei sim, Kerêa. Guardas! Tragam archotes!

(SILÊNCIO)

KERÊA

- Tens alguma coisa de particular a dizer-me?

CALÍGULA

- Não Kerêa. **(**silêncio**)**

KERÊA (ligeiramente irritado**)**

- Tens a certeza que a minha presença é necessária?

CALÍGULA

- Absoluta certeza, Kerêa. **(**outra pausa de silêncio. Subitamente todo

solícito**)** Mas, desculpa. Estava distraído, recebo-te mal Senta-te e conversemos amigavelmente. Necessito falar um pouco com alguém inteligente. **(**Kerêa senta-se.**)** Kerêa, pensas que dois homens cuja alma e cuja altivez são iguais, podem ao menos uma vez na vida falar-se de coração aberto, como se estivessem nus um diante do outro, despojados dos preconceitos, dos interesses particulares e das mentiras de que vivem?

KERÊA

- Penso que é possível, Caio. Mas acho que és incapaz disso.

CALÍGULA

- Tens razão. Queria apenas certificar-me que pensas como eu. Coloquemos então as máscaras. Façamos uso das nossas mentiras. Falemos como quem se bate, cobertos até à guarda. Kerêa, por que não gostas de mim?

KERÊA

- Porque não há em ti nada de que se possa gostar, Caio. Porque nessas coisas não se manda. E também porque te compreendo demais e não se pode amar um rosto igual aquele que tentamos dissimular em nos.

CALÍGULA

- Por que me odeias?

KERÊA

- Neste ponto enganas-te Calígula. Não te odeio. Considero-te prejudicial e cruel, egoísta e vaidoso. Mas não te posso odiar porque não creio que sejas feliz. E não posso desprezar-te porque sei que não és um covarde.

CALÍGULA

- Então por que queres matar-me?

KERÊA

- Já te disse: porque te acho prejudicial. Gosto e necessito da segurança. A maioria dos homens é como eu. São incapazes de viver num universo em que a idéia mais bizarra pode dum minuto para outro entrar a fazer parte da realidade - onde, na maior parte das vezes, entra mesmo como punhal entra no coração. Não posso viver num tal universo. Prefiro segurar as rédeas do meu destino.

CALÍGULA

- A segurança e a lógica não podem andar juntas.

KERÊA

- Sim. Não e lógico mas é sadio.

CALÍGULA

- Continua.

KERÊA

- Nada tenho a acrescentar. Não quero entrar na tua lógica. Tenho outra idéia dos meus deveres de homem. Sei que a maioria dos teus súditos pensa como eu. És incômodo para todos. É natural que desapareças.

CALÍGULA

- Tudo isso é muito claro e muito legítimo. Para a maioria dos homens seria até evidente. Mas não para ti. Tu és inteligente e a inteligência ou se paga

caro ou se recusa. Por mim, pago. Mas tu que a aceitas, por que não queres pagar?

KERÊA

- Porque tenho vontade de viver e de ser feliz. Penso que nem uma coisa nem outra são possíveis quando se leva o absurdo às suas últimas conseqüências. Sou como todos. Para me sentir livre desejo às vezes a morte dos que amo, cobiço as mulheres que as leis da família ou da amizade me impedem de cobiçar. Para ser lógico deveria então matar e possuir. Mas sei que essas idéias vagas não tem importância. Se todos se achassem com o direito de as realizar ninguém poderia viver nem ser feliz. E repito, é isso que me interessa.

CALÍGULA

- Acreditas então numa idéia superior.

KERÊA

- Creio que certas ações são mais belas do que outras.

CALÍGULA

- Por mim, creio que todas se eqüivalem.

KERÊA

- Bem sei, Caio, e é por isso que não te odeio. Mas és incômodo e tens que desaparecer.

CALÍGULA

- É justo. Mas então por que me anuncias, arriscando a vida?

KERÊA

- Porque outros tomarão o meu lugar e porque não gosto de mentir. **(**silêncio**)**

CALÍGULA

- Kerêa

KERÊA

- Sim, Caio.

CALÍGULA

- Pensas que dois homens cuja alma e cuja altivez são iguais podem uma vez na vida se falar de coração aberto?

KERÊA

- Penso que é o que acabamos de fazer.

CALÍGULA

- Sim, Kerêa. No entanto achavas-me incapaz disso.

KERÊA

- Reconheço que estava errado... Agradeço-te. Espero agora a tua sentença.

CALÍGULA - (distraído**)**

- A minha sentença?... Ah, queres dizer... **(**tirando a "tabuinha" do manto**)** Sabes o que é isto, Kerêa?

KERÊA

- Sabia que a tinhas.

CALÍGULA (com paixão**)**

- Sim, Kerêa, e a tua própria franqueza era simulada. Os dois homens não se falaram de coração aberto. Mas não faz mal. Agora vamos deixar o jogo da sinceridade e continuar como antes. É preciso que procures ainda compreender o que vou declarar , que suportes as minhas ofensas e o meu modo de ser. Escuta Kerêa este escrito é a única prova.

KERÊA

- Retiro-me, Caio. Estou cansado de todo este jogo sinistro. Já o sei de cor e não me interessa mais.

CALÍGULA (com a mesma voz apaixonada e atenta**)**

- Espera um pouco. É ou não é a única prova?

KERÊA

- Não creio que necessite de provas para fazer assassinar um homem.

CALÍGULA

- É certo. Mas, por uma vez, quero contradizer-me. Não faz mal a ninguém. E é tão bom contradizer-se de vez em quando. Repouso Necessito de repouso Kerêa.

KERÊA

- Não entendo e não aprecio tantas complicações.

CALÍGULA

- É natural, Kerêa. Tu és um homem são. Não desejas nada de extraordinário. **(**rindo**)** Pretendes apenas viver e ser feliz Só isso

KERÊA

- Acho melhor ficarmos por aqui.

CALÍGULA

- Ainda não: um pouco de paciência, sim? Tenho em meu poder uma prova, estás vendo? Desejo partir do princípio que sem ela não vos posso mandar executar. É a minha idéia, é o meu descanso. Pois bem: olha o que são as provas na mão dum imperador. **(**aproxima a "tabuinha" dum archote. Kerêa adianta-se. Apenas o archote os separa. A "tabuinha" derrete-se**)** Vês, conspirador? Está-se derretendo, e à medida que essa prova desaparece, em teu rosto desponta uma aurora de inocência. Que admirável, que pura fronte é a tua, Kerêa Como é belo um inocente Admira o meu poder. Os próprios deuses não podem restituir a inocência sem previamente terem castigado. E ao teu imperador basta apenas uma chama para te absolver e encorajar. Continua Kerêa, leva até o fim o magnífico raciocínio que me expuseste. O teu imperador espera o repouso. É a sua maneira de vi ver e ser feliz. Kerêa contempla Calígula com estupor. Esboça um gesto, parece compreender, abre a boca e sai bruscamente. Calígula continua a expor a "tabuinha" a chama e sorrindo segue Kerêa com o olhar.

DESCE O PANO.

QUARTO ATO

CENA I

(A CENA ESTÁ MERGULHADA NA PENUMBRA. ENTRAM KERÊA E SCIPIÃO. KERÊA VAI A ESQUERDA, DEPOIS À DIREITA E TORNA À SCIPIÃO.)

SCIPIÃO (com ar fechado**)**

- Que queres de mim?

KERÊA

- O tempo urge. Devemos estar bem firmes na decisão.

SCIPIÃO

- Quem te diz que eu não estou firme?

KERÊA

- Não vieste ontem à nossa reunião.

SCIPIÃO (virando-se**)**

- É verdade, Kerêa.

KERÊA

- Scipião, sou mais velho que tu e não é meu costume pedir ajuda Mas, realmente, preciso de ti. Para responder por este homicídio necessitamos de

fiadores respeitáveis. No meio de tantas vaidades feridas, de tantos medos ignóbeis, só tu e eu somos movidos por razões desinteressadas. Sei que se nos abandonares não trairás ninguém. Mas isso é o menos. O que desejo é que permaneças conosco.

SCIPIÃO

- Compreendo. Mas juro-te que não me é possível.

KERÊA

- Então estás do seu lado?

SCIPIÃO

- Não. Mas não posso ir contra ele. **(**pausa, depois com voz surda**)** Se eu o matasse, o meu coração pelo menos estaria a seu lado.

KERÊA

- No entanto, ele assassinou o teu pai.

SCIPIÃO

- Sim, tudo começa dai. Mas tudo acaba aí também.

KERÊA

- Ele renega aquilo em que tu crês, escarnece aquilo que tu veneras.

SCIPIÃO

- É verdade, Kerêa. Mas apesar disso há qualquer coisa em mim que lhe assemelha. A mesma chama nos abrasa o coração.

KERÊA

- Chega um momento em que é preciso escolher.

SCIPIÃO

- Não posso escolher, porque além do meu próprio sofrimento sofro também pelo que ele sofre. A minha desgraça é compreender tudo.

KERÊA

- Então decides dar-lhe razão.

SCIPIÃO (com um grito**)**

- Ah, Kerêa, por favor, ninguém, ninguém para mim terá jamais razão **(**pausa, os dois entreolham-se**)**

KERÊA (emocionado, avançando para Scipião**)**

- Sabes que o odeio ainda mais pelo que ele fez de ti.

SCIPIÃO

- Sim, ensinou-me a exigir tudo.

KERÊA

- Não é isso, Scipião. Ele fez de ti um desesperado. E desesperar uma alma jovem é um crime que ultrapassa todos os que ele cometeu até agora. Juro—te que bastava isso para eu o matar enfurecido.

(DIRIGE-SE PARA A SAÍDA. ENTRA HÉLICON)

CENA II

HÉLICON

- Estava à tua procura, Kerêa. Calígula vai organizar aqui uma pequena reunião entre amigos. Tens que esperar por ele. **(**voltando-se para Scipião**)** Mas de ti não precisamos, meu pombinho. Podes ir embora**)**

SCIPIÃO (ao sair vira-se para Kerêa**)**

- Kerêa ! Procura compreender.

KERÊA (com doçura**)**

- Impossível, Scipião. **(**Scipião e Hélicon saem**)**

CENA III

(RUÍDO DE ARMAS NOS BASTIDORES. APARECEM À DIREITA DOIS GUARDAS CONDUZINDO SENECTO E METELO, OS QUAIS DEMONSTRAM SINAIS DE PAVOR.)

METELO (ao guarda, numa voz que procura tornar firme**)**

- Mas, afinal que pretendem de nós a estas horas da noite?

PRIMEIRO GUARDA (designa os assentos à direita**)**

- Senta ai.

METELO

- Se é para nos assassinar como aos outros não vale a pena fazer tanta história.

SEGUNDO GUARDA

- Senta ai, velho mulo.

SENECTO

- É melhor sentarmos. Este homem não sabe nada, é visível.

PRIMEIRO GUARDA

- Sim, belezinha, é visível. **(**sai**)**

METELO

- Eu bem dizia. Era preciso ter agido antes. O que nos espera agora é a tortura.

CENA IV

KERÊA (muito calmo, sentando-se**)**

- De que se trata?

SENECTO e **METELO**

- A conspiração foi descoberta.

KERÊA

- E então?

SENECTO (tremendo**)**

- Será a tortura.

KERÊA (impassível**)**

- Recordo-me que Calígula deu oitenta e um mil sestércios a um escravo ladrão que a tortura não fez confessar.

METELO

- E isso que nos adianta?

KERÊA

- Nada. Mas é uma prova que ele aprecia a coragem. E bom não esquecer. **(**a Metelo**)** Não te importavas de não bater assim com os dentes? Detesto esse barulho.

SENECTO

- E que...

METELO

- Deixa de histórias. E a nossa vida que está em jogo.

KERÊA (impassível**)**

- Sabem qual é o dito de Calígula que ele prefere?

METELO (quase chorando**)**

- Sei. Disse ao carrasco: "Mata-o lentamente para que ele se sinta morrer."

KERÊA

- Não. E ainda melhor. Depois duma execução bocejou e disse muito seriamente. "O que mais admiro é a minha insensibilidade."

METELO

- Estão ouvindo? **(**ruído de armas**)**

KERÊA

- Essa frase revela um fraco.

SENECTO

- Não te importas de não fazer filosofia? E coisa que detesto. Entra ao fundo um escravo trazendo armas que coloca sobre um banco.

KERÊA (que não viu nada**)**

- Mas temos ao menos de reconhecer que esse homem exerce uma influência indiscutível. Obriga a pensar. Obriga to da a gente a pensar. O que faz pensar é a insegurança. E por isso que tantos ódios o perseguem.

SENECTO (tremendo**)**

- Olha

KERÊA (avistando as armas, com voz um pouco alterada**)**

- Talvez tivesses razão.

METELO

- Devíamos ter agido antes. Esperamos demais.

KERÊA

- Sim. A lição vem um pouco tarde.

METELO

- Mas não é possível: Eu não quero morrer. Levanta-se e procura fugir. Surgem dois guardas que o imobilizam depois de o ter esbofeteado - Metelo afunda-se na cadeira, Kerêa pronuncia algumas palavras que não ouvem. De repente uma estranha música, aguda e saltitante, de sistros e címbalos, irrompei ao fundo. Os patrícios calam-se e olham Calígula que, com uma curta túnica de dançarina de flores , aparece em sombra chinesa por trás do pano de fundo, mima alguns gestos de dança, ridículos e desaparece. Logo a seguir um guarda diz com voz solene: " O espetáculo terminou." Entretanto Cesônia entrou silenciosamente por detrás dos espectadores. Fala com voz neutra que no entanto

os faz estremecer.

CENA V

CESÔNIA

- Calígula encarregou-me de vos dizer que até agora vos chamou aqui para tratar dos assuntos de Estado, mas que hoje vos tinha convidado a comungar com ele numa emoção artística. **(**pausa, com o mesmo tom de voz**)** Acrescentou, aliás que a quem não tivesse comungado mandaria cortar a cabeça. **(**silêncio geral**)** Desculpem se insisto. Mas tenho de vos perguntar se acharam bela esta dança.

METELO (após uma hesitação**)**

- Era bela, Cesônia.

SENECTO (transbordando de gratidão**)**

- Se era Cesônia

CESÔNIA

- E tu, Kerêa?

KERÊA (friamente**)**

- Arte pura.

CESÔNIA

- Muito bem. Vou então informar Calígula.

CENA VI

HÉLICON

- Ora dize, Kerêa, era mesmo arte pura?

KERÊA

- Num certo sentido, era.

HÉLICON

- Compreendo. És muito hábil, Kerêa. Falso como um homem de bem. Mas verdadeiramente hábil. Eu não. No entanto não permitirei que toquem em Caio, mesmo se é isso que ele deseja.

KERÊA

- Não compreendo nada desse discurso. Mas congratulo-me pela tua dedicação. Aprecio os bons criados.

HÉLICON

- Estás muito soberbo, hein? É verdade, sirvo um louco. Mas tu, a quem serves? A virtude? Já te digo o que penso da virtude. Sou escravo de nascimento, de modo que a comédia da virtude representei-a sob as chicotadas. Caio não me veio com discursos. Alforriou-me e levou-me para o palácio. Foi lá que eu conheci vocês e a sua virtude. Vi que tinham uma cara enjoada e um cheiro insípido, como quem nunca sofreu e nunca arriscou. Vi poses cheias de majestade, mas aridez de coração, rostos de avaro, mãos somíticas. Arvorarem-se em juizes, vocês? Vocês, que fazem profissão da virtude, que sonham a

tranqüilidade como a donzela sonha o amor, e que apesar de tudo vão morrer aterrorizados sem ao menos saber que mentiram a vida inteira, vocês pretendem talvez julgar aquele que sofreu sem medida o que diariamente sangra por novas feridas? Primeiro terão de me suprimir, podem estar certos. Despreza, despreza o escravo, Kerêa. Ele vale mais que a tua virtude visto que se conserva fiel ao seu desgraçado senhor e que o defenderá contra as vossas nobres mentiras, as vossas bocas perjuras.

KERÊA

- Meu caro Hélicon, francamente, estás-te deixando levar pela eloquência. Tinhas melhor gosto, antigamente.

HÉLICON

- Ah, desculpa. É o que ganhei em freqüentar-vos. Os velhos casais acabam por se assemelhar tanto que tem até o mesmo número de pelos nas orelhas. Mas já me corrijo, não te preocupes. É só isto: estás vendo a minha cara? Bom. Olha-a bem. Ótimo. Então agora viste o teu inimigo. **(**sai**)**

CENA VII

KERÊA

- Agora temos de nos apressar. Fiquem ai, vocês dois. Logo à noite seremos uns cem.

SENECTO

- Fiquem ai, fiquem ai Preferia ir embora. **(**farejando**)** Sinto o cheiro da morte por aqui.

METELO

- Ou da mentira. **(**com tristeza**)** Eu disse que a dança era bela.

SENECTO (conciliante**)**

- E era, em certo sentido, era... Entram arrebatadamente os patrícios.

CENA VIII

OCTÁVIO

- Que aconteceu? Sabem o que aconteceu? O imperador mandou-nos chamar.

SENECTO (distraidamente**)**

- Talvez seja para a dança.

OCTÁVIO

- Que dança?

SENECTO

- Enfim, a emoção artística.

CÁSSIO

- Disseram-me que Calígula estava muito doente.

METELO

- Está mesmo.

CÁSSIO

- Que tem ele? **(**encantado**)** Por todos os deuses, será que vai morrer?

METELO

- Não creio. A sua doença e mortal só para os outros.

OCTÁVIO

- Se ousamos dizer.

SENECTO

- Compreendo. Mas não terá ele uma doença menos grave e que nos convenha mais?

METELO

- Não. A doença de que falas não admite concorrência. Com licença. Devo falar com Kerêa. **(**sai. entra Cesônia. Curto silencio**)**

CENA IX

CESÔNIA (com ar indiferente**)**

- Calígula está sofrendo do estômago. Vomitou sangue. **(**os patrícios acorrem e rodeiam-na**)**

OCTÁVIO

- Oh Deuses poderosos, faço votos, se ele se restabelecer, de doar duzentos mil sestércios ao tesouro do Estado!

CÁSSIO (exagerando**)**

- Júpiter, ofereço a minha vida em troca da sua. Calígula que entrou há um instante, está escutando.

CALÍGULA (aproximando-se de Octávio**)**

- Aceito o teu oferecimento, caro Octávio, e fico-te grato. O meu tesoureiro se apresentará amanhã em tua casa. **(**aproxima-se de Cássia e abraça-o**)** Nem sabes como estou comovido. **(**um silêncio. Carinhosamente**)** Quer dizer que gostas de mim?

CÁSSIO (compenetrado**)**

- Ah, César, não há nada que eu não faça por ti, sem hesitar.

CALÍGULA

- Ah, Cássio, é demais e não sou digno dum tal amor: **(**Cássia faz um gesto de protesto**)** Não, não, asseguro—te, não o mereça **(**chama dois guardas**)**

Levem-no. **(**a Cássia, com doçura**)** Vai, amiga, vai. E recorda-te que Calígula te entregou a coração.

CÁSSIO (vagamente inquieta**)**

- Mas para ande me levam?

CALÍGULA

- À morte, ara essa Deste a tua vida pela minha. Até já me sinto melhor. Nem sequer sinto na boca esse horrível gosta de sangue. Foste tu que me curaste. Sentes-te feliz, Cássia, de dar a tua vida pela dum outra, quando esse outro se chama Calígula ? Estou de novo pronto para qualquer festim.

(ARRASTAM CÁSSIA QUE GRITA E RESISTE.)

CÁSSIO

- Não quero. Mas é uma brincadeira.

CALÍGULA

- Sonhador. **(**por entre as gritos**)** Em breve as estradas que dominam o mar estarão cobertas de mimosas. As mulheres usarão vestidos ligeiras. Um vasta céu fresca e lavado, Cássia, os sorrisos da vida: Cássia está para sair. Cesônia empurra-a brandamente. Calígula vira-se, e com súbita seriedade.

CALÍGULA

- Se tivesses amada bastante a vida, meu cara, não a terias arriscado com tanta imprudência. **(**arrastam Cássia. Volta para junto da mesa**)** E quando se perde há que pagar. **(**pausa**)** Vem cá, Cesônia. **(**voltando-se para as outras**)** A

propósito, tive um bela pensamento que deseja comunicar-vos. o meu reinado até agora tem sida excessivamente feliz. Nem peste geral, nem religião cruel , nem ao menos um golpe de Estada; nada, enfim, que nas faça passar à posteridade. É, em parte, par isso que eu procuro compensar a moderação do destino. Quero dizer... não sei se me compreenderam, **(**com um risinho**)** enfim, sou eu que faço as vezes de peste. **(**mudando de tom**)** Mas silêncio. Lá vem Kerêa. Agora tu, Cesônia. **(**sai. Entram Kerêa e Metelo**)**

CENA X

(...CESÔNIA VAI RAPIDAMENTE AO ENCONTRO DE KERÊA.)

CESÔNIA

- Calígula morreu. **(**vira-se, coma se chorasse, e fixa os outros que se calam**)**

METELO

- Estas... estás certa dessa desgraça? Não é possível, ainda há pouco ele estava dançando.

CESÔNIA

- Justamente. O esforço deu cabo dele.

(KERÊA VAI RAPIDAMENTE DUM A OUTRO E VOLTA-SE PARA CESÔNIA. TODOS GUARDAM SILENCIO. LENTAMENTE.)

CESÔNIA

- Não dizes nada, Kerêa.

KERÊA (com igual lentidão**)**

- É uma grande desgraça, Cesônia. Calígula entra brutalmente e dirige-se a Kerêa.

CALÍGULA

- Bem representado, Kerêa. **(**faz uma reviravolta e olha os outros. Com irritação**)** Bem, falhou. **(**a Cesônia**)** Não esqueças do que te disse. **(**sai**)**

CENA XI

(CESÔNIA OLHA-O SAIR, EM SILÊNCIO.)

SENECTO (sustentado por uma esperança inabalável**)**

- Será que ele está doente, Cesônia?

CESÔNIA (com um olhar de ódio**)**

- Não, belezinha; mas o que tu ignoras é que esse homem dorme duas horas por noite e o resto do tempo, incapaz de repouso, erra nas galerias do palácio. O que tu ignoras, o que tu nunca te perguntaste, e o que ele pensa nas horas mortas —que vão da meia—noite até o nascer do sol. Doente? Não, não está doente. A não ser que inventes um nome e um remédio para as úlceras de que a sua alma está coberta.

KERÊA (que parece comovido**)**

- Tens razão, Cesônia, não ignoramos que Caio...

CESÔNIA (rapidamente**)**

- Não, não ignoram. Mas como todos os que carecem de alma não podem suportar os que a tem grande demais. Alma demais Que coisa incômoda, não é? Então chamam-lhe doença: e os medíocres sentem-se justificados e satisfeitos. **(**mudando de tom**)** Foste capaz de amar alguma vez, Kerêa?

KERÊA (voltando ao seu natural**)**

- Já somos velhos para amar Cesônia. E aliás, não é seguro que Calígula nos dê tempo para isso.

CESÔNIA (que se dominou**)**

- Tens razão. **(**senta-se**)** Ia-me esquecendo das recomendações de Calígula. Sabem que hoje é um dia consagrado à arte.

SENECTO

- Segundo o calendário?

CESÔNIA

- Não, segundo Calígula. Ele convocou alguns poetas. Vai-lhes propor uma composição, a improvisar sobre dado tema. Deseja que os que entre vos são poetas concorram expressamente. Designou em particular o jovem Scipião e Metelo.

METELO

- Mas não estamos preparados.

CESÔNIA (como se não tivesse ouvido, com voz neutra**)**

- Naturalmente, ha verá recompensas. E castigos também. **(**ligeiro recuo dos outros**)** Posso dizer-vos, confidencialmente, que não são muito graves.

(ENTRA CALÍGULA. ESTÁ CADA VEZ MAIS SOMBRIO.)

CENA XII

CALÍGULA

- Está tudo a postos?

CESÔNIA

- Tudo. **(**a um guarda**)** Faze entrar os poetas.

(ENTRAM DOIS POR DOIS, UMA DÚZIA DE POETAS QUE DESCEM À DIREITA EM PASSO CADENCIADO.)

CALÍGULA

- E os outros?

CESÔNIA

- Scipião e Metelo

(SCIPIÃO E METELO REÚNEM-SE AOS POETAS. CALÍGULA SENTA-SE AO FUNDO À ESQUERDA, COM CESÔNIA E O RESTO DOS PATRÍCIOS. CURTO SILENCIO.)

CALÍGULA

- Assunto: a morte. Prazo: um minuto.

(OS POETAS ESCREVEM AFANOSAMENTE SOBRE AS TABUINHAS DE CERA.)

SENECTO

- Quem será o júri?

CALÍGULA

- Eu, não basta?

SENECTO

- Basta, é claro, basta.

KERÊA

- Participarás também do concurso, Caio?

CALÍGULA

- É inútil. Há muito que fiz a minha composição sobre esse assunto.

SENECTO (solícito**)**

- E onde se pode obtê-la?

CALÍGULA

- Recito-a todos os dias, a minha maneira. **(**Cesônia olha-o angustiada. Brutalmente**)** Não te agrada a minha cara?

CESÔNIA (com doçura**)**

- Peço-te perdão.

CALÍGULA

- Ah, por favor, nada de humildade. Sobretudo, nada de humildade. Já é bastante difícil de suportar, mas a tua humildade **(**Cesônia afasta-se lentamente. A Kerêa**)** Continuo. Só fiz essa composição. Todavia ela constitui a prova que eu sou o único artista que Roma teve, o único, estás ouvindo, Kerêa, que fez coincidir o pensamento com os atos.

KERÊA

- É apenas uma questão de poder.

CALÍGULA

- Com efeito. Os outros criam para suprir a falta de poder. Por mim não tenho necessidade duma obra: vivo. **(**brutalmente**)** Então, vocês, terminaram?

METELO

- Creio que sim.

TODOS

- Sim, terminamos.

CALÍGULA

- Bom, então escutem. Vão sair da fila. Quando eu der o sinal, o primeiro começará a leitura. Apenas eu apitar deve interromper-se e o segundo começara. É assim por diante. O vencedor, naturalmente, será aquele que não tenha sido interrompido pelo apito. Preparem-se. **(**volta-se para Kerêa e em tom confidencial**)** É preciso organização em tudo, até mesmo na arte. **(**apito**)**

PRIMEIRO POETA

- Morte, quando Ultrapassando as negras plagas... **(**apito. O poeta desce à esquerda. Os outros farão o mesmo. Cena mecânica**)**

SEGUNDO POETA

- As três parcas no seu antro... **(**apito**)**

TERCEIRO POETA

- Oh morte, eu te invoco.

(APITO RAIVOSO. O QUARTO POETA AVANÇA E ASSUME UMA ATITUDE DECLAMATÓRIA. O APITO SOA ANTES AINDA QUE ELE COMECE.)

QUARTO POETA

- Quando eu era criancinha...

CALÍGULA (berrando**)**

- Não: Que tem a ver a infância dum imbecil com o assunto? Fazes o favor de me dizer que relação tem?

QUINTO POETA

- Mas, Caio, ainda não terminei... **(**apito estridente**)**

SEXTO POETA (avançando aclarando a voz**)**

- Inexorável caminho... **(**apito**)**

SÉTIMO POETA (misterioso**)**

- Recôndita e difusa oração... Apito entrecortado. Scipião avança, sem tabuinha.

CALÍGULA

- É a tua vez, Scipião. Não escreveste nada?

SCIPIÃO

- Não foi preciso.

CALÍGULA

- Vejamos. **(**morde o apito**)**

SCIPIÃO (bem junto de Calígula mas sem o olhar e com uma espécie de desânimo**)**

- Busca da plenitude, que torna puro o ser. Céu onde jorra o sol, Alegria única e selvagem, delírio meu sem esperança....

CALÍGULA (com doçura**)**

- Para, sim? És jovem demais para conhecer as verdadeiras lições da morte.

SCIPIÃO (fixando Calígula**)**

- Era jovem demais para perder o meu pai.

CALÍGULA (virando-se bruscamente**)**

- Vamos, vocês, ponham-se em fila. Um mau poeta é uma punição

excessiva para o meu gosto. Tinha pensado até agora em vos conservar como aliados e cheguei a imaginar que constituiriam a última linha dos meus defensores. Mas era uma vã ilusão e vou incluir—vos entre os meus inimigos. Os poetas estão contra mim; realmente é o fim de tudo. Saiam em boa ordem. Vão desfilar diante de mim, lambendo as tabuinhas para apagar os vestígios das vossas infâmias. Atenção: Avante: Saiam todos.

(APITOS RITMADOS. OS POETAS, MARCHANDO A PASSO, SAEM A DIREITA, LAMBENDO AS SUAS IMPERECÍVEIS TABUINHAS. AO SAIR, KERÊA RETÉM SENECTO PELO OMBRO. EM VOZ BAIXA.)

KERÊA

- Chegou o momento.

(O JOVEM SCIPIÃO QUE ESCUTOU HESITA NO LIMIAR DA PORTA E DEPOIS DIRIGE-SE PARA CALÍGULA.)

CALÍGULA (maldosamente**)**

- Não podes deixar-me em paz, como o teu pai me deixa, agora?

CENA XIII

SCIPIÃO

- Ora Caio, tudo isso é inútil. Já sei que escolheste.

CALÍGULA

- Deixa-me em paz.

SCIPIÃO

- Vou-te deixar, com efeito, porque acho que te compreendi Nem para ti nem para mim, que me pareço tanto contigo, existe solução. Vou partir para bem longe em busca da razão de tudo isso. **(**pausa durante a qual contempla Calígula. Com voz compenetrada Adeus, querido Caio. Quando tudo tiver terminado não esqueças que te quis bem.

(SAI. CALÍGULA OLHA-O. ESBOÇA UM GESTO MAS RECUA BRUSCAMENTE E VOLTA PARA JUNTO DE CESÔNIA.)

CESÔNIA

- Que disse ele?

CALÍGULA

- Coisas que ultrapassam o teu entendimento.

CESÔNIA

- Em que pensas?

CALÍGULA

- Nele. E em ti também. Mas é a mesma coisa.

CESÔNIA

- Que aconteceu?

CALÍGULA (olhando para ela**)**

- Scipião partiu. A amizade acabou. Mas tu, gostaria de saber porque estás ainda aqui...

CESÔNIA

- Porque te agrado.

CALÍGULA

- Não. Se te mandasse matar talvez compreendesses.

CESÔNIA

- Seria uma solução. Por que não o fazes? Mas não poderias ao menos por um minuto, consentir em viver livremente?

CALÍGULA

- Há já vários anos que me exercito a viver livremente.

CESÔNIA

- Não é isso que eu quero dizer. Procura compreender—me. Pode ser tão bom viver e amar com pureza de coração.

CALÍGULA

- Cada um ganha a sua pureza como pode. Por mim alcanço-a perseguindo o essencial. Tudo isso, aliás, não impede que eu poderia mandar assassinar-te. **(**rindo**)** Seria o coroamento da minha carreira. **(**levanta-se e faz girar o espelho sobre si mesmo. Anda pelo palco de braços pendentes, como um animal**)** É estranho. Quando não mato sinto-me só. Os vivos não bastam para povoar o universo e para afugentar o tédio. Quando todos me rodeiam sinto um imenso vazio que não posso olhar. Só estou bem entre os meus mor tos. **(**posta-se em frente ao público, ligeiramente inclinado para a frente, tendo esquecido Cesônia**)** Só eles são verdadeiros. São como eu. Esperam por mim e instigam-me. **(**abana a cabeça**)** Mantenho longos diálogos com este ou com aquele, que apelou para mim e a quem eu fiz cortar a língua.

CESÔNIA

- Vem cá. Estende-te ao pé de mim. Põe a cabeça sobre os meus joelhos. **(**Calígula obedece**)** Estás bem assim. Que silêncio...

CALÍGULA

- Que silêncio Exageras. Não ouves esse tinir de ferros? **(**ouve-se, com efeito**)** Não sentes esses milhares de rumores quase imperceptíveis que revelam o ódio à espreita **(**ouvem-se rumores**)**

CESÔNIA

- Ninguém ousaria...

CALÍGULA

- Sim, à mediocridade.

CESÔNIA

- A mediocridade não mata. Dá prudência.

CALÍGULA

- É mortífera, Cesônia. É mortífera quando se julga ofendida. Oh, não são aqueles a quem matei os filhos ou o pai que me assassinarão. Esses compreenderam. Estão comigo, tem o mesmo travo na boca. Mas os outros, aqueles de quem fiz troça e que ridicularizei; é contra a vaidade desses que estou sem defesa.

CESÔNIA(com veemência**)**

- Havemos de te defender. Somos ainda muitos a te querer bem.

CALÍGULA

- São cada vez menos numerosos. Fiz tudo isso. E depois e preciso ser justo, não é só a mediocridade que está contra mim é também a lealdade e a coragem dos que querem ser felizes.

CESÔNIA

- Não te hão de matar. Porque então, qualquer coisa viria do céu para os aniquilar antes que te tocassem.

CALÍGULA

- Do céu! Coitada. Não há céu. **(**senta-se**)** Mas por que tanto amor, de repente? Não faz parte das nossas convenções.

CESÔNIA (que se levantou e anda de ca para lã**)**

- Não basta ver-te matar os outros, tenho ainda de saber que serás morto? Não basta acolher-te cruel e dilacerado, sentir o teu odor de morte quando te estendes sobre o meu ventre? Cada dia que passa sinto morrer em ti um pouco mais do que te tornava humano. **(**volta-se para ele**)** Sou velha e bem sei que em breve serei feia. Mas o meu carinho por ti me transformou a alma a tal ponto que nem me importa mais se não me amas. Queria apenas ver-te curado, tu que és ainda uma criança. A vida inteira diante de ti E que pretendes tu mais que a vida inteira?

CALÍGULA

- Há muito tempo já que estás comigo.

CESÔNIA

- É verdade. Mas não me vais mandar embora, pois não?

CALÍGULA

- Não sei. Mas sei porque razão permaneces: por todas as noites em que o prazer era agudo e sem alegria e por tudo o que sabes de mim. **(**toma-a nos braços e com a mão inclina-lhe um pouco a cabeça para trás**)** Tenho vinte e nove anos. É pouco. Mas nesta hora em que a vida, no entanto, me parece tão longa e tão carregada de despojos, tão consumada, enfim, tu permaneces a última testemunha. E não posso impedir-me de sentir uma espécie de ternura

envergonhada pela. velha que vais ser.

CESÔNIA

- Mas dize que vais ficar comigo.

CALÍGULA

- Não sei. Sei apenas. e é o mais terrível, que essa ternura envergonhada é o único sentimento puro que a vida me deu até agora. **(**Cesônia retira-se dos seus braços. Calígula segue-a. Ela cola as costas contra ele que a enlaça**)** Não seria melhor que a última testemunha desaparecesse?

CESÔNIA

- Não tem importância. Sinto-me feliz pelo que me disseste Mas por que não posso partilhar contigo essa felicidade?

CALÍGULA

- Quem te disse que estou feliz?

CESÔNIA

- A felicidade é generosa. Não se alimenta com a destruição.

CALÍGULA

- Nesse caso é porque há duas espécies de felicidade e eu escolhi a dos assassinos. Porque sou feliz. Houve tempos em que julgava ter atingido o extremo da dor. Mas não, pode-se ir ainda mais longe. Ao termo desse deserto existe uma felicidade estéril e magnífica. Olha para mim. **(**Cesônia vira-se para ele**)** Dá-me vontade de rir, Cesônia, quando penso que durante anos Roma inteira evitou pronunciar o nome de Drusila. Porque Roma enganou-se todo o

tempo. Não me basta o amor, foi o que então pensei. E é isso que penso ainda hoje quando olho para ti. Amar uma pessoa é estar disposto a envelhecer com ela. Não sou capaz desse amor. Drusila velha , era muito pior que Drusila morta. Pensa-se que um homem sofre porque o ser amado morre dum momento para o outro. Mas a sua verdadeira mágoa é menos fútil: é perceber que nem o sofrimento dura. A própria dor carece de sentido. Como vês, eu não tinha desculpas, nem sequer a sombra dum amor nem a amargura da melancolia. Não tenho álibi. Mas hoje sinto-me ainda mais livre que há. anos atras, pois me libertei das lembranças e das ilusões. **(**ri, de forma exaltada**)** Sei que nada perdura E saber isso Somos só dois ou três no decurso da história a ter feito verdadeiramente essa experiência, a ter alcançado essa louca felicidade. Cesônia, presenciaste até ao final uma tragédia bem curiosa. Chegou o momento do pano baixar para ti. **(**passa de novo para trás de Cesônia e põe o antebraço em redor do pescoço dela**)**

CESÔNIA (aterrorizada**)**

- A felicidade, então, é essa liberdade pavorosa?

CALÍGULA (esmagando pouco a pouco com o braço a garganta de Cesônia**)**

- Podes ter a certeza, Cesônia. Sem a liberdade eu teria sido um homem satisfeito. Graças a ela conquistei a divina clarividência do solitário. **(**exalta-se cada vez mais, estrangulando pouco a pouco Cesônia, que se abandona sem resistência, as mãos um pouco para a frente como num gesto de oferenda. Calígula fala-lhe quase ao ouvido**)** Vivo, mato, exerço o poder delirante do destruidor, junto do qual o do criador não passa dum arremedo. Ser feliz é isso, e essa a felicidade: intolerável sentimento de libertação, desprezo universal, o sangue, o ódio, em redor de mim, e esse isolamento sem igual do homem, que domina toda a sua vida com o olhar, a alegria desmedida do assassino impune, a

lógica implacável que esmaga vidas humanas. **(**rindo**)** Que te esmaga, Cesônia, para atingir finalmente a solidão eterna que desejo.

CESÔNIA (debatendo-se debilmente**)**

- Caio!

CALÍGULA (cada vez mais exaltado**)**

- Não, nada de ternura. É preciso acabar, Cesônia, porque o tempo urge. O tempo urge, querida Cesônia **(**Cesônia tem um estertor. Calígula arrasta-a para o leito onde a deixa cair. Olha- a desvairado com voz rouca**)** E tu também eras culpada. Mas matar não é a solução.

CENA XIV

CALÍGULA (volta-se alucinado e dirige-se ao espelho**)**

- Calígula Também tu, também tu és culpado. E um pouco mais e um pouco menos tanto faz. Mas quem ousaria condenar-me neste mundo sem deus, em que ninguém é inocente? **(**em tom de desespero total, apoiando-se ao espelho**)** Bem vês, Hélicon não veio. Não terei a lua. Mas como e amargo ter razão e ser forçado a ir até o fim. Porque tenho medo da consumação. Ruído de armas É a inocência que prepara o seu triunfo. Quem me dera estar no lugar deles: Tenho medo. Que nojo, depois de ter desprezado os outros, sentir a mesma covardia na alma. Mas não importa. O medo também não dura. Vou conhecer de novo esse grande vazio onde o coração encontra a sua paz. **(**recua um pouco, volta ao espelho. Parece mais calmo. Recomeça a falar, mas numa voz mais baixa e mais concentrada**)** Tudo parece tão complicado. E é tudo tão simples, no entanto. Se tivesse obtido a lua, se o amor bastasse, tudo teria mudado. Mas onde matar esta sede? Que coração, que deus, teria para mim a profundidade dum lago? **(**ajoelhando-se e chorando**)** Nada, nem neste mundo nem no outro, é a minha altura. No entanto eu sei, eu sei e tu também sabes **(**estende as mãos para o espelho chorando**)** que bastaria o impossível realizar-se. O impossível Procurei-o no limite do mundo, nos confins de mim mesmo. Estendi as mãos **(**gritando**)** estendo as mãos, e a ti que encontro, sempre tu em face de mim, e sinto por ti um grande ódio. Não tomei o caminho certo, não chego a lugar nenhum. A minha liberdade não é a que conta. Hélicon! Hélicon! Oh, como esta noite é densa Hélicon não vira: seremos culpados para sempre. Esta noite é densa como a dor humana. **(**sentem-se nos bastidores ruídos de

armas e murmúrios de vozes**)**

HÉLICON (surgindo ao fundo**)**

Em guarda, Caio, em guarda!

(UMA INVISÍVEL MÃO APUNHALA HÉLICON. CALÍGULA LEVANTA-SE, AGARRA UMA CADEIRA BAIXA E APROXIMA-SE DO ESPELHO BUFANDO. OLHA-SE, SIMULA UM SALTO PARA A FRENTE E DIANTE DO MOVIMENTO SIMÉTRICO DA SUA IMAGEM NO ESPELHO LANÇA A CADEIRA COM VIOLÊNCIA BERRANDO:)

CALÍGULA

- Para a história, Calígula, para a história!

(O ESPELHO QUEBRA-SE E, NO MESMO MOMENTO, POR TODAS AS PORTAS, ENTRAM CONJURADOS EM ARMAS. CALÍGULA ENFRENTA-OS COM UM RISO DEMENTE. SENECTO VIBRA-LHE UM GOLPE PELAS COSTAS. KERÊA BEM DE FRENTE. O RISO DE CALÍGULA TRANSFORMA-SE EM ESTERTOR. TODOS FEREM. NUM ÚLTIMO ARRANCO, CALÍGULA, RINDO E SOLUÇANDO GRITA:)

CALÍGULA

- Ainda estou vivo.

DESCE O PANO